



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG**  
**CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – REDE PROFARTES**

**DEUZILENE MACHADO ROCHA LEAL**

**MEMÓRIAS EM FLUXO: CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO DE IMAGENS E**  
**NOTAS NAS AULAS DE ARTES VISUAIS NA EJA**

**APARECIDA DE GOIÂNIA**  
**2024**



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO  
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |                                                                      |                                                         |
|----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Tese                                        | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input checked="" type="checkbox"/> Dissertação                      | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização                 | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação                             | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ |                                                         |

Nome Completo do Autor: Deuzilene Machado Rocha Leal

Matrícula: 20221090120102

Título do Trabalho: Memórias em fluxo: construção de um Caderno de Imagens e Notas nas aulas de Artes Visuais na EJA

**Autorização - Marque uma das opções**

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.  
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.  
☐ Outra justificativa: \_\_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

C. Neves, 06/04/2024  
Local Data

Deuzilene Machado Rocha Leal

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

DEUZILENE MACHADO ROCHA LEAL

**MEMÓRIAS EM FLUXO: CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO DE IMAGENS E  
NOTAS NAS AULAS DE ARTES VISUAIS NA EJA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/a em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Arte

Linha de Pesquisa: Processos de ensino,  
aprendizagem e criação em artes

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Fabiane Braga  
Ferreira Cabral

APARECIDA DE GOIÂNIA  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L435 Leal, Deuzilene Machado Rocha  
Memórias em fluxo: construção de um caderno de imagens e notas nas aulas de Artes visuais na EJA / Deuzilene Machado Rocha Leal. - Aparecida de Goiânia, 2024.  
86 f. il.

Orientadora: Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Programa de Pós-Graduação em Artes - PROFARTES, 2024.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Memórias. 3. Ensino de Artes Visuais. 4. Abordagem Triangular. 5. Caderno de Imagens e Notas (CIN). I. Título

CDD 792

Catalogação na publicação:  
Suzane Gonçalves Duarte Peixoto CRB 1/2746



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS  
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - Rede PROFARTES**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO**

Aos cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e quatro, às 14 horas, foi realizada no formato remoto a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de DEUZILENE MACHADO ROCHA LEAL discente do Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado Profissional em Artes, autora do trabalho intitulado **"Memórias em fluxo: construção de um caderno de imagens e notas nas aulas de artes visuais na EJA"**. A banca foi composta pelos seguintes membros: Prof<sup>ª</sup> Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Prof<sup>ª</sup> Dra. Nayara Joyse Silva Monteles, Prof<sup>ª</sup> Dra. Noeli Batista dos Santos, Prof<sup>ª</sup> Dra. Mônica Mitchell de Moraes Braga, sob a presidência da primeira. Após a apresentação do trabalho, tendo sido a autora arguida pela Banca Examinadora, a aluna foi considerada APROVADA.

Encerra-se a presente sessão às 15 horas e 29 minutos. Eu, Prof<sup>ª</sup> Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, dato e assino a presente ata, que segue assinada por todos os membros da banca e pela discente.

(assinado eletronicamente)

Prof<sup>ª</sup> Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral  
Presidente da Banca - Orientadora (UFG)

(assinado eletronicamente)

Prof<sup>ª</sup> Dra. Nayara Joyse Silva Monteles  
Membro Interno (IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof<sup>ª</sup> Dra. Noeli Batista dos Santos  
Membro Externo (UFG)

(assinado eletronicamente)

Prof<sup>ª</sup> Dra. Mônica Mitchell de Moraes Braga  
Membro Interno (IFG)

(assinado eletronicamente)

Deuzilene Machado Rocha Leal  
Discente do Mestrado Profissional em Artes

Documento assinado eletronicamente por:

- Deuzilene Machado Rocha Leal, 20221090120102 - Discente, em 09/04/2024 17:30:21.
- Noeli Batista dos Santos, Noeli Batista dos Santos - Outros - Ufg (01567601000143), em 09/04/2024 17:05:07.
- Monica Mitchell de Moraes Braga, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 06/04/2024 16:32:29.
- Nayara Joyse Silva Monteles, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 06/04/2024 09:22:10.
- Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral - Outros - Ufg (01567601000143), em 05/04/2024 16:07:10.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/04/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 524027

Código de Autenticação: 19f8ab7ca5



---

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Avenida Universitária Vereador Wagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, None, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO,  
CEP 74968-755  
Sem Telefones cadastrados

É com imenso carinho, gratidão e amor que dedico esta dissertação à minha filha, Larissa, meu raio de luz e sustentáculo durante toda essa trajetória acadêmica. Suas palavras de estímulo ecoaram nos momentos desafiadores, tornando-se um fio de memória e de afeto que entrelaça esta mãe/professora/pesquisadora. Desde os primeiros passos para o mestrado até este momento de realização, mesmo estando longe, me incentivou, me ouviu e me deu forças para continuar. Te amo infinitamente.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida em plenitude e proteção nos mais de 150 km percorridos para assistir às aulas.

Ao incentivo, amor e carinho da minha filha e apoio do meu esposo. Gratidão!

Aos/às colegas e professores/as do mestrado com quem compartilhei horas de estudo, de reflexão e de amizade.

Aos/às alunos/as colaboradores/as da pesquisa, em especial aos/às educandos/as que já passaram por minha vida e a todos/as que ainda passarão. Discentes que fizeram, fazem e farão parte das minhas memórias e que me inspiraram a ser uma professora/pesquisadora.

Às Professoras Doutoras Dr<sup>a</sup> Nayara Joyse Silva Monteles, Dr<sup>a</sup> Noeli Batista dos Santos, Dr<sup>a</sup> Mônica Mitchell de Moraes Braga pelas preciosas contribuições no exame de qualificação, respeito e carinho. MUITÍSSIMO OBRIGADO!

Agradeço de forma especial à Professora Dr<sup>a</sup> Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral por seu profissionalismo, acolhimento, apoio, orientações, cuidado, carinho, paciência e generosidade. Sempre com um olhar diferenciado e falas que transbordam conhecimento, sabedoria, respeito, amor e carinho. Você acreditou em mim e me fez ver que era possível. Minha gratidão!

"A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,  
pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo  
que todo mundo vê" Arthur Schopenhauer.

## RESUMO

Essa pesquisa<sup>1</sup> investigou como as memórias potencializam experimentações com o fazer artístico nas aulas de Artes Visuais com estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA - Prof.<sup>a</sup> Onildes de Fátima da Rocha – Polo Escola Municipal Santa Efigênia em Caldas Novas – GO. O objetivo geral foi tecer reflexões sobre memória através da experimentação com o fazer artístico na construção de um Caderno de Imagens e Notas (CIN). A construção do CIN foi desenvolvida através das três ações na perspectiva da Abordagem Triangular - ler/contextualizar/fazer - possibilitando criar relações entre memória, sujeito, lugar e o outro. São autores importantes para a fundamentação teórica desta pesquisa Barbosa (1998; 2000; 2012), Freire (1987; 2003), Bergson (1999; 2006), Bosi (2003), Ostrower (1990; 2012), Dewey (2010) e Iavelberg (2003). A pesquisa adota a metodologia da pesquisa participante com abordagem qualitativa de caráter descritivo, investigativo e interpretativo. Do ponto de vista metodológico, foram utilizadas técnicas e instrumentos de coleta de dados, como: observação participante, registro fotográfico, áudio e diário de campo. A principal contribuição desta pesquisa é a sistematização de uma abordagem metodológica desenvolvida durante a construção do CIN para o Ensino de Artes Visuais na EJA, sendo a memória um dos eixos reflexivos.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Memórias; Ensino de Artes Visuais; Abordagem Triangular; Caderno de Imagens e Notas (CIN).

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa contou com a colaboração/participação de sujeitos, com **aprovação** pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/IFG, Plataforma Brasil, sob o **Número CAEE 64621622.6.0000.8082**. (Para pesquisas que envolveram a participação e/ou coleta de dados/informações de seres humanos).

## ABSTRACT

This research investigated how memories enhance experiments with artistic practice in Visual Arts classes with students from Youth and Adult Education - EJA - Prof.<sup>a</sup> Onildes de Fátima da Rocha – Polo Escola Municipal Santa Efigênia in Caldas Novas – GO. The general objective was to weave reflections on memory through experimentation with artistic practice in the construction of a Notebook of Images and Notes (CIN). The construction of the CIN was developed through three actions from the perspective of the Triangular Approach - reading/contextualizing/doing - making it possible to create relationships between memory, subject, place and the other. Important authors for the theoretical foundation of this research are Barbosa (1998; 2000; 2012), Freire (1987; 2003), Bergson (1999; 2006), Bosi (2003), Ostrower (1990; 2012), Dewey (2010) and Iavelberg (2003). The research adopts the methodology of participatory research with a qualitative approach of a descriptive, investigative and interpretative nature. From a methodological point of view, data collection techniques and instruments were used, such as: participant observation, photographic records, audio and field diary. The main contribution of this research is the systematization of a methodological approach developed during the construction of the CIN for the Teaching of Visual Arts at EJA, with memory being one of the reflective axes.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Memoirs; Teaching Visual Arts; Triangular Approach; Notebook of Images and Notes (CIN).

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Escola Municipal Santa Efigênia .....                                   | 23 |
| Figura 2: Setor Santa Efigênia .....                                              | 24 |
| Figura 3: Diário de Frida.....                                                    | 36 |
| Figura 4: Diário de Frida.....                                                    | 36 |
| Figura 5: Livro de artista.....                                                   | 38 |
| Figura 6: Sem título, Wolney Fernandes, 2020. ....                                | 40 |
| Figura 7: Infinito.....                                                           | 41 |
| Figura 8: Sem título, Wolney Fernandes, 2022 .....                                | 41 |
| Figura 9: Momentos de criação .....                                               | 43 |
| Figura 10: Fotografia da série “A dor e os segredos” - Selma Parreira, 2014 ..... | 45 |
| Figura 11: Fotografia da série “A dor e os segredos” - Selma Parreira, 2014 ..... | 46 |
| Figura 12: Pintura da série “Desuso” - Selma Parreira, 2015.....                  | 46 |
| Figura 13: Registro no CIN - Vanda, 2023 .....                                    | 50 |
| Figura 14 :Registro no CIN - Francinalva, 2023. ....                              | 50 |
| Figura 15: Anotações no CIN - Dinamir, 2023.....                                  | 50 |
| Figura 16: Capa do CIN – Francinalva, 2023 .....                                  | 54 |
| Figura 17: Produção do CIN - Maiane, 2023.....                                    | 56 |
| Figura 18: Produção do CIN – Vanda, 2023. ....                                    | 57 |
| Figura 19: Produção do CIN – Sheile, 2023.....                                    | 58 |
| Figura 20: Mostra do CIN na Escola, 2023. ....                                    | 61 |
| Figura 21: Visita à mostra do CIN, 2023. ....                                     | 63 |
| Figura 22: Produção do CIN -Vanda, 2023 .....                                     | 64 |
| Figura 23: Produção do CIN -Vanda, 2023 .....                                     | 64 |
| Figura 24: Produção do CIN – Dinamir, 2023.....                                   | 66 |

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

|           |                                                                 |
|-----------|-----------------------------------------------------------------|
| EJA       | Educação de Jovens e Adultos                                    |
| CIN       | Caderno de Imagens e Notas                                      |
| CAAE      | Certificado de Apresentação de Apreciação Ética                 |
| BNCC      | Base Nacional Curricular Comum                                  |
| PROFARTES | Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes        |
| UFG       | Universidade Federal de Goiás                                   |
| LDB       | Lei de Diretrizes e Bases da Educação                           |
| CEB       | Câmara de Educação Básica                                       |
| TCLE      | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido                      |
| MEC       | Ministério da Educação e Cultura                                |
| PARFOR    | Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica |

## SUMÁRIO

|                                                                                         |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| RESUMO.....                                                                             | 10 |
| ABSTRACT .....                                                                          | 11 |
| LISTA DE FIGURAS .....                                                                  | 12 |
| LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS .....                                                   | 13 |
| SUMÁRIO.....                                                                            | 14 |
| INTRODUÇÃO .....                                                                        | 15 |
| 1. MOTIVAÇÃO: INÍCIO DE UM PERCURSO .....                                               | 20 |
| 1.1 Local e sujeitos: a escola e os/as participantes da pesquisa .....                  | 22 |
| 1.2. Percurso orientador da pesquisa – Estratégias metodológicas .....                  | 25 |
| 1.3. Estabelecendo diálogos na construção do CIN .....                                  | 29 |
| 2. PROPOSTA PEDAGÓGICA EM PRÁTICA.....                                                  | 35 |
| 2.1 Focos disparadores da Memória .....                                                 | 39 |
| 2.2 Memórias: Selma Parreira .....                                                      | 44 |
| 2.3 Experiências com o fazer artístico .....                                            | 49 |
| 2.4 Compartilhando experiências .....                                                   | 54 |
| 2.5 Desdobramentos e reflexões do fazer artístico na produção do CIN.....               | 60 |
| 3. CAMINHOS REFLEXIVOS SOBRE O CIN: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO<br>DE ARTE NA EJA ..... | 71 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                       | 78 |
| ANEXOS .....                                                                            | 81 |

## INTRODUÇÃO

O interesse em compreender como a memória articula o lugar, o sujeito e o outro, surge da minha prática docente, pois sou professora de Arte e trabalho com educação de jovens e adultos há mais de 10 anos. No decorrer desse tempo, percebi que há um interesse por parte dos alunos e alunas em temas com os quais eles/as conseguem relacionar presente e passado e que, de muitas formas, estão também relacionados com suas memórias.

Memórias estas que, em um fluxo constante, vão se reconfigurando e criando experiências, sempre em movimento contínuo que vão do passado ao presente, do presente ao passado. Segundo Ostrower, o processo criativo também acontece nesse fluxo, pois “ao exercer o seu potencial criador, trabalhando, criando em todos os âmbitos do seu fazer, o homem configura a sua vida e lhe dá um sentido. Criar é tão difícil ou tão fácil como viver” (Ostrower, 2012, p.166).

Foi nesse movimento contínuo que os/as participantes desta pesquisa, sete alunos/as do terceiro semestre do segundo segmento EJA, trilharam seus caminhos no primeiro semestre de 2023, através do fazer artístico a partir de suas memórias. Estabelecendo relações entre elementos exteriores/interiores e interiores/exteriores, experienciando, gerando novas formas de significação, ressignificação e expressão, aguçando sua sensibilidade e experiências.

Assim, a pergunta norteadora desta investigação é: como as memórias podem potencializar experimentações com o fazer artístico nas aulas de Artes Visuais com estudantes da EJA? E, a partir da questão norteadora, surgiram ainda outras indagações: como a criação de um Caderno de Imagens e Notas (CIN) proporciona experiências subjetivas, de lugar/espço, de alteridade e estimula os/as alunos/as a se expressarem por meio da arte? As imagens (fotos disponibilizadas pelos/as estudantes) são capazes de incitar memórias com as quais os/as estudantes sintam-se motivados a experienciar o fazer artístico?

Para evocar as memórias e conduzir esta investigação, buscando uma dimensão metodológica educativa, foi desenvolvida uma proposta pedagógica que recebeu a minha mediação, a partir de três focos disparadores: (1) uma foto antiga do/a participante; (2) uma foto de um lugar-referência de experiências do/a participante, e (3) uma foto de uma pessoa querida. Estes três focos abarcaram uma

abrangência de lembranças que associaram diferentes tempos (passado e presente), caracterizações de espaços, de estar/vivenciar e memórias afetivas. Sendo que o fazer artístico foi registrado na criação de um Caderno de Imagens e Notas (CIN) pelos/as participantes que selecionaram as três imagens - conforme focos descritos acima – e com elas construíram relatos, observações, associações e colagens que fomentaram diálogos e reuniram depoimentos.

Durante o processo de criação do caderno - a observação, a análise e a discussão - houve uma aproximação com algumas obras dos artistas: Selma Parreira, Wolney Fernandes e Frida Kahlo.

Muitos dos trabalhos da artista Selma Parreira guardam forte relação entre memória e imagem, para essa investigação, foram apresentadas aos participantes três obras. Sendo duas da série: “A dor e os segredos” (2014) e uma da série “Desuso” (2015), que é um desdobramento do “Projeto MACHINA”. As obras resultam de investigações em que as memórias se realizam, atualizam, criam imagens, contam histórias e redefinem significados.

Vale ressaltar que o objetivo de trazer as obras não foi para reproduzir ou copiar e sim, dialogar e contextualizar, pois “a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem” (Barbosa, 2012, p.118).

Sobre as obras de arte, Ana Mae Barbosa diz que o/a professor/a deve estimular a leitura e a contextualização, dando liberdade para o/a aluno/a expressar e escolher como quer desenvolver o seu fazer artístico, pois “quando o aluno observa obras de arte e é estimulado e não obrigado a escolher uma delas como suporte de seu trabalho plástico, a sua expressão individual se realiza” (Barbosa, 2012, p.118).

Além do estímulo, é importante também levar em consideração o contexto em que os/as estudantes estão inseridos/as, suas memórias, bem como curiosidades e vivências que sobressaem, perpassam e/ou são afloradas pelas lembranças que eles/elas registram.

No decorrer dessa investigação, foi possível perceber que o/a aluno/a foi capaz de imergir completamente na ação de recolher memórias e criar ao ponto de se envolver e se concentrar, desenvolvendo um pensamento crítico, que possibilitou novas formas de ver, sentir, criar, recriar de modo que a produção, o ler e o contextualizar se tornaram significativos para ele/a.

Para percorrer esse caminho, utilizei como metodologia a pesquisa participante com uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, investigativo e interpretativo. Me orientei através de técnicas e de instrumentos de coleta de dados

como a observação, a observação participante, o registro fotográfico, áudio e o diário de campo. Instrumento no qual registrei o que foi observado durante a proposta pedagógica com os/as alunos/as, no intuito de coletar informações, anotar, identificar e discutir sobre o fazer artístico como parte da criação do Caderno de Imagens e Notas, para melhor qualificar e dar subsídios a presente investigação.

Para fundamentar esse processo e dialogar com a pesquisa, busquei também alguns autores, como Barbosa (1998; 2000; 2012), que fala sobre a Abordagem Triangular; Bergson (1999; 2006) e Bosi (1994; 2003), sobre memória; Dewey (2010), sobre experiência; Ostrower (1990; 2012) sobre os processos criativos; e Freire (1987; 2003), sobre o diálogo e o pensamento crítico onde os sujeitos são agentes transformadores. O pensamento freiriano de que “é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (Freire, 2003, p.23), me fez compreender que a escola é um espaço onde professor/a e alunos/as interagem e se constroem.

Ao incentivar e proporcionar aos/às alunos/as momentos de experimentação com o fazer artístico ligados às suas memórias, vivências e experiências de vida e ao se relacionarem com diferentes tempos e espaços através de lembranças, foi possível novas experiências, sejam elas subjetivas, de lugar, de tempo ou do outro.

Experiências estas que tiveram como base os três focos disparadores (fotos disponibilizadas pelos/as estudantes) já citados anteriormente, onde buscamos associar as lembranças a diferentes tempos (passado e presente), memórias afetivas, caracterizações de espaços e de estar/vivenciar. O desenvolvimento desta proposta esteve pautado na Abordagem Triangular, sistematizada por Barbosa (2012). Abordagem que se desdobra na interligação de três eixos: contextualizar, fazer e ler (ver/interpretar) enquanto possibilidades de ação para atuação docente e práticas possíveis de ensino de arte. Vale ressaltar que, nessa articulação, não existe uma ordem, são processos que podem tomar diferentes caminhos. Daí a importância de pensar o fazer artístico articulado com a leitura de imagens e o contexto, possibilitando ao/a aluno/a desenvolver um pensamento crítico, em que as experiências proporcionem a ele/a novas formas de ver, criar, recriar, experimentar e sentir.

Já com relação aos objetivos específicos desta pesquisa, são eles: proporcionar momentos de discussão sobre como as memórias se realizam nas obras da artista Selma Parreira que além de contar histórias, redefinem sentidos, lugares e afetos; investigar de que maneira as memórias são capazes de potencializar no/a estudante da EJA a capacidade de se expressar através do fazer artístico nas Artes Visuais; e, por fim, conduzir a construção do CIN através das imagens na perspectiva

da Abordagem Triangular (contextualizar/fazer/ler) possibilitando criar relações entre memória, sujeito, lugar e o outro. Esses objetivos são trabalhados nas seções desta dissertação.

Assim, esta pesquisa será estruturada em três seções no intuito de contextualizar o caminho percorrido na criação do CIN, identificando como as memórias potencializaram o fazer artístico dos/das participantes. Apresento também os desdobramentos da pesquisa, assim como as reflexões geradas da e na experiência. Considerando o fazer artístico desenvolvido durante minha observação participante, o diálogo, as anotações no meu diário de campo, e a análise das produções dos/as participantes no CIN.

A primeira seção traz a motivação para desenvolver essa pesquisa, que parte da minha experiência; das lembranças do tímido contato com a arte ainda na infância à docência em Arte, que me levou buscar formação específica que possibilitasse a melhor qualidade das aulas, bem como o desejo de melhorar a prática docente enquanto professora/pesquisadora na EJA - Prof<sup>a</sup> Onildes de Fátima da Rocha, na Escola Polo Santa Efigênia. Apresento ainda os/as outros/as participantes desta pesquisa e o percurso orientador adotado para guiar esse processo, incluindo as escolhas metodológicas. Para finalizar a primeira seção, trago autores como: Freire (2003); Dewey (2010); Barbosa (1998; 2000; 2012); Bredariolli (2017); Bergson (1999); Bosi(1994); Medeiros(2020); e Ostrower (2012) para dialogar com a pesquisa ajudar a entender como as memórias potencializam o fazer artístico dos/as participantes. Foi abordada ainda a relação entre memórias e o fazer artístico, destacando como esses elementos se entrelaçam para criar uma experiência enriquecedora e transformadora.

Na sequência, iniciando a segunda seção, compartilho detalhes do primeiro encontro da proposta pedagógica por meio de uma narrativa, onde apresento os focos disparadores da memória utilizados no desenvolvimento da proposta, assim como o contato dos/as participantes com algumas obras da artista Selma Parreira, obras estas em que seu fazer artístico é carregado de lembranças de sua infância e que são ressignificadas pela artista. O objetivo de apresentar as produções da artista aos alunos/as foi proporcionar momentos de discussão sobre como as memórias se realizam nas obras da artista Selma Parreira que além de contar histórias, redefinem sentidos, lugares e afetos.

Além das obras de Selma Parreira, foram exibidas também três produções do artista Wolney Fernandes, cujas obras demonstradas são colagens em que as

memórias também fizeram parte de seu processo criativo. Além das obras dos artistas são apresentados o desdobramento do fazer artístico na produção do CIN e as considerações a partir da observação, dos diálogos, das anotações e da produção dos/as participantes, com o objetivo de compreender como as memórias potencializaram o fazer artístico no/a estudante da EJA e a capacidade de se expressar através do fazer artístico nas Artes Visuais.

Na terceira seção, apresento a sistematização da proposta desenvolvida para realização do CIN, no decorrer dessa pesquisa, ancorada em três pilares: roda de conversa (diálogo); foco disparador (referências textuais e imagéticas); produção (construção do Caderno de Imagens e Notas). Esse percurso de construção do CIN com colagens vai acontecendo na perspectiva da Abordagem Triangular (ler/contextualizar/fazer), possibilitando ao aluno/a criar relações entre memória, sujeito, lugar e o outro.

Os conteúdos trabalhados para a produção CIN dialogam com os princípios propostos por Lavee (2003), que são: conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais. No que diz respeito aos conteúdos atitudinais, foi desenvolvido um ambiente de diálogo, estimulando a valorização das experiências pessoais dos/as participantes, bem como a liberdade de expressão e o respeito. Quanto aos conteúdos conceituais, a proposta buscou estimular uma compreensão dos conceitos de diário de artista e memória. Por fim, os conteúdos procedimentais foram trabalhados nas colagens, bem como na produção do CIN. Sendo que a produção do CIN foi permeada por memórias. Cada conversa, momento de observação e a singularidade expressa nas criações dos/as participantes evidenciaram a influência das memórias no processo do fazer artístico, conforme veremos ao longo da pesquisa.

## 1. MOTIVAÇÃO: INÍCIO DE UM PERCURSO

Começo esta seção fazendo um recorte da minha trajetória enquanto professora pesquisadora, onde busco em minhas memórias a motivação para esta pesquisa. Como professora de arte, sempre procurei novos conhecimentos que pudessem enriquecer minha prática docente. Tinha formação em Pedagogia, porém com o tempo fui percebendo que precisava de formação na área de arte, foi quando surgiu a oportunidade de cursar Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás (UFG). Uma das minhas maiores motivações foi o fato de meu tio ser artista plástico, e me lembro de quando era criança e ficava ansiosa para ir para casa da minha avó para poder observar ele produzindo suas obras.

Esse contato com o artista e os anseios de professora pesquisadora me levaram a cursar Artes Visuais, curso que me proporcionou experienciar novas práticas em arte. A formação em Pedagogia me proporcionou o contato com as ideias freirianas de uma educação pautada no diálogo, em que o conhecimento é produzido das relações entre os sujeitos, de suas experiências e vivências. Já a licenciatura em Artes Visuais, me apresentou a Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, que foi aluna de Paulo Freire, e que traz a possibilidade de um ensino de arte pautado nas ações de ler, fazer e contextualizar.

Freire e Barbosa fizeram e fazem parte da minha formação, bem como da minha prática e, de certo modo, me levaram a ser uma professora pesquisadora que busca, por meio da qualificação, enriquecer a prática docente. E foi nessa busca por qualificação que me desafiei a fazer o processo seletivo do Mestrado Profissional em Artes - PROF-ARTES e, após ser aprovada, a cursar o programa com o objetivo de desenvolver a pesquisa na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

São mais de 10 anos trabalhando na EJA, da rede municipal de Caldas Novas (GO) e, aos poucos, fui percebendo que os/as estudantes tinham um interesse maior pelas atividades que envolviam o seu cotidiano. Dessas observações surgiram indagações: como a experiência com o fazer artístico estimulada pela memória é significativa para o/a aluno/a? Como a memória desperta seu interesse, a imaginação e a investigação fazendo com que as relacionem a questões subjetivas? Esses questionamentos me inquietaram e me fizeram querer pesquisar o fazer artístico desses/as alunos/as a partir das memórias.

Para compreender um pouco mais sobre o meu desejo de investigar a EJA, olho para o passado e percebo que tudo começou em 2005. Naquele ano, minha trajetória tomou um rumo especial quando comecei a trabalhar na Educação de Jovens e Adultos, inicialmente com turmas multisseriadas do primeiro ao quinto ano e, depois, assumindo as aulas de Arte do sexto ano à terceira série do Ensino Médio.

Logo de início já me identifiquei com essa modalidade de ensino, os/as estudantes demonstravam uma incrível sede de aprendizado e tinham muito a compartilhar. Acredito que essa identificação surgiu pelo fato que, assim como eles/elas, eu também tive muitas dificuldades para estudar, pois morava na zona rural e fiz a primeira fase de meus estudos em turmas multisseriadas. Após concluir a quarta série – como era chamado o 5º ano naquela época – fiquei três anos sem estudar, até ter condição de me mudar para a cidade para prosseguir meus estudos, uma vez que as demais séries só eram oferecidas na zona urbana.

Fazer faculdade foi outro desafio, pois não tinha curso superior onde eu morava e só consegui fazer Pedagogia depois de algum tempo que eu já havia concluído o Ensino Médio. Já quando decidi cursar Artes Visuais<sup>2</sup>, tive que me deslocar para outra cidade a mais de 100 km de onde eu morava. Devido a essa trajetória e aos anos em sala de aula, percebi que as minhas experiências com a escola em alguns momentos se aproximavam das experiências dos/as estudantes, o que nos levou a desenvolver laços de confiança e, conseqüentemente, interesse dos/as alunos/as em assistir minhas aulas.

Isso me deu a oportunidade de mostrar a eles/as que a disciplina lecionada por mim não era secundária como alguns pensavam – e ainda pensam. Muitas vezes ouvi pessoas dizerem que ela não possuía importância, pois o que precisavam era saber ler e escrever; no entanto, pude mostrar que as aulas de arte também poderiam contribuir para seu aprendizado.

Aos poucos, fui percebendo que o diálogo que trouxe uma aproximação entre professora e alunos/as poderia também ser um meio de fazer com que eles/as participassem mais das aulas de arte. Assim eu fui tentando encontrar caminhos para

---

<sup>2</sup>Cursei Artes Visuais do programa Pró-licenciatura, que foi um projeto que visava a formação de professores que já atuavam em sala de aula sem ter a formação específica em artes visuais. Assim o curso foi fechado para professores que estavam nessa situação. O curso teve a duração de quatro anos e combinou a mediação on-line com momentos presenciais nos quais equipes se deslocam para os polos para a interação com os alunos. Os polos contavam com uma estrutura física (Laboratório de informática e sala de atelier), coordenador de polo e tutor de polo. E funcionavam em parceria com o MEC. Disponível em: [https://projetos.extras.ufg.br/confaeb20anos/index.php?option=com\\_content&view=article&id=87&Itemid=81](https://projetos.extras.ufg.br/confaeb20anos/index.php?option=com_content&view=article&id=87&Itemid=81) Acesso em: 04/08/2023.

que isso acontecesse, por exemplo: me lembro de uma aula que estávamos trabalhando com autorretrato e uma aluna me disse que não conseguia desenhar e/ou pintar, mas eu sabia que ela era uma excelente bordadeira, então perguntei a ela, “E se fosse um autorretrato bordado?” Ela deu um sorriso e disse: “posso começar em casa e trazer na próxima aula?” Naquele momento, vi que ela tinha me mostrado um caminho para que todos participassem. Perguntei se mais alguém gostaria de se autorretratar usando outra linguagem e o que seria apenas uma aula, se transformou em um projeto para o semestre, teve escultura de arame e de fio, bordado, desenhos, pinturas e mosaico com pedras. Ao final do projeto, fizemos a mostra dos trabalhos e, em um segundo momento, houve também uma oficina em que alguns alunos/as compartilharam suas habilidades com os/as colegas. Esse projeto fez com que tivessem ainda mais interesse pelas aulas.

Essa e outras experiências me fizeram perceber a importância de trazer para as aulas os lugares, objetos, histórias e profissões dos/as estudantes; fui percebendo também que a memória é algo muito forte, que está sempre presente em suas vivências. Ainda hoje percebo que os/as estudantes sentem insegurança em relação ao fazer artístico, dizem não ter habilidades, que é muito difícil, dá muito trabalho, este ainda é um desafio. Com isso, minha prática vai sofrendo transformações, é um aprendizado contínuo. A minha experiência na EJA tem sido uma jornada de descobertas e aprendizagens, o que faz com que a minha afinidade com essa modalidade de ensino cresça a cada dia.

Quando surgiu a oportunidade de me inscrever no mestrado, não hesitei em escolher a EJA como meu foco de pesquisa, mais especificamente, a exploração das memórias e do fazer artístico. Este desejo em pesquisar sobre essa temática foi ganhando importância progressivamente, à medida em que reconheci a importância de trazer as vivências desses/as alunos/as para as aulas, experiências carregadas de lembranças (de lugares, pessoas, sentimentos); reconhecer essas vivências e dar voz a elas é reconhecer o/a aluno/a como sujeito de sua própria jornada.

### **1.1 Local e sujeitos: a escola e os/as participantes da pesquisa**

A presente pesquisa foi realizada com alunos/as do 3º semestre do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos Profª Onildes de Fátima da Rocha, localizada na Praça das Nações Unidas s/n, Setor São José, em Caldas Novas - Go, com atendimento no Polo Escola Municipal Santa Efigênia (figura 1). O referido polo

atende do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental (1º e 2º segmentos), da 1ª à 3ª série do Ensino Médio (3º segmento), com estudantes a partir de 15 anos, ingressos no 1º segmento. A escolha da escola polo e da turma do 3º semestre se deu por ser meu local de trabalho e poder desenvolver a pesquisa nas aulas curriculares de Arte.

Figura 1: Escola Municipal Santa Efigênia



Fonte: Acervo da autora

O Polo Santa Efigênia está localizado no Setor Santa Efigênia (figura 2), em Caldas Novas, cidade turística considerada uma das principais estâncias hidrotermais do Brasil, localizada a 160 km da capital do estado de Goiás, Goiânia. Seus moradores, em sua grande maioria, são de outras cidades e estados que vêm para a Caldas Novas em busca de emprego e melhores condições de vida. O referido polo atende, hoje, 88 estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental à terceira série do Ensino Médio, com algumas turmas multisseriadas<sup>3</sup>.

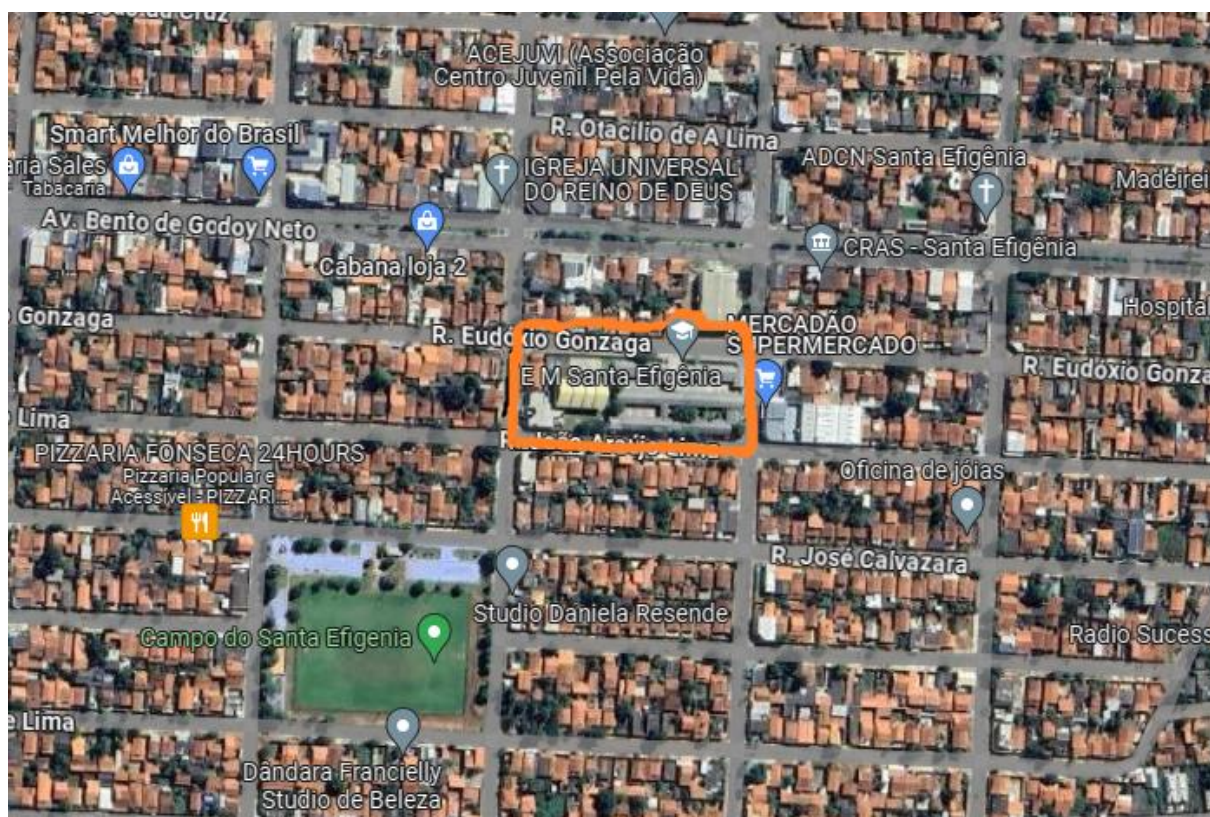
O contexto socioeconômico da escola é composto, em sua maioria, por pessoas de baixo poder aquisitivo. Outra característica que pode ser observada é que a maioria dos/as alunos/as, são oriundos das regiões Norte e Nordeste do Brasil, que procuram em Caldas Novas uma oportunidade de melhoria de vida. Ainda com relação aos estudantes do EJA, esses são muito faltosos (muitas vezes, devido ao fato de

---

<sup>3</sup> Turmas multisseriadas são formadas por alunos de diversas séries em um único espaço e geralmente com um único professor (RIBEIRO, 2019, p 39-40).

serem trabalhadores), entretanto dedicados, e possuem um grande interesse na aprendizagem, apesar da grande rotatividade e da alta taxa de evasão.

Figura 2: Setor Santa Efigênia



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-17.7426394,-48.5963485,182m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>

Acesso em: 20/09/2023.

Esses alunos/as têm a oportunidade e a garantia de estudar e/ou concluir seus estudos, respaldados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394, de 1996, que reconhece a EJA como uma modalidade da educação básica e se preocupa com a continuidade e o acesso aos estudos desses jovens e adultos; assim como pelo parecer CEB/2000, que regulamentou “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos” (CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000).

Mesmo a EJA sendo regulamentada por lei, ainda existem alguns desafios para escolarizar e incluir esse/a aluno/a, dentre eles está a adequação dos conteúdos e planejamento, onde nem sempre há um currículo específico e normalmente se adota o mesmo currículo do ensino regular, fazendo a adequação de conteúdo de crianças e adolescentes, programados para serem desenvolvidos em doze meses, e que passam a ser aplicados na EJA em cinco ou seis meses. Isso contradiz as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, que apontam que:

Não perceber o perfil distinto destes estudantes e tratar pedagogicamente os mesmos conteúdos como se tais alunos fossem crianças ou adolescentes seria contrariar mais do que um imperativo legal. Seria contrariar um imperativo ético (Brasil, 2000, p.59).

Enquanto professora, procuro manter um diálogo com os/as estudantes para conhecer suas experiências e necessidades educacionais, buscando adequar as aulas às suas necessidades. Visto que “A flexibilidade curricular deve significar um momento de aproveitamento das experiências diversas que estes alunos trazem consigo como, por exemplo, os modos pelos quais eles trabalham seus tempos e seu cotidiano” (Brasil, 2000, p.57).

Uma maneira de conhecer o cotidiano é o diálogo, e foi através dele, em momentos de interação com os/as estudantes participantes dessa pesquisa, que pude perceber um grupo diversificado e com muita experiência de vida, com estudantes nascidos em diferentes cidades do Brasil e que veem nos estudos uma oportunidade de melhoria de vida. Dos sete participantes da pesquisa, seis são mulheres, entre 38 e 65 anos, nascidas em outras cidades. Todas são mães, algumas são avós, e trabalham como camareiras, auxiliares de serviços gerais e manicures. O único homem do grupo é um jovem com dezoito anos, nascido em Caldas Novas, que trabalha como entregador.

Esses/as jovens e adultos que são filhos/as, mães, avós, trabalhadores/as, possuem uma vasta experiência de vida, memórias da infância à fase adulta que podem, segundo Bergson, ter “por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil” (Bergson, 1999, p.116). Esse pensamento de Bergson dialogou com os meus anseios e com a indagação: como as memórias podem potencializar experimentações com o fazer artístico nas aulas de Artes Visuais com estudantes da EJA?

## **1.2. Percurso orientador da pesquisa – Estratégias metodológicas**

Para trilhar o caminho desta pesquisa, foi necessário planejamento, definir e redefinir o percurso e estabelecer estratégias para o processo investigativo. Metodologicamente, esta pesquisa utiliza a investigação do fazer artístico a partir das memórias, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa e se desenvolvendo

como pesquisa participante de caráter descritivo, investigativo e interpretativo, com foco na observação participante, no fazer artístico e nos diálogos com os/as estudantes. Segundo Brandão e Borges, a pesquisa participante deve contemplar “a realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes [...] em suas diferentes dimensões e interações” (Brandão e Borges, 2007, p.54).

Utilizei ainda instrumentos de coleta de dados como a observação, a observação participante, o registro fotográfico, assim como o diário de campo. Neste último, além dos registros das observações durante os encontros, registrei também a transcrição dos áudios desses momentos pois, em alguns encontros gravei nossas conversas. Portanto, as falas dos/as participantes que aparecem no decorrer das seções são transcrições na íntegra, sem nenhuma correção ou ajuste com relação às normas da Língua Portuguesa.

Ao desenvolver momentos de mediação junto aos/às estudantes na produção do Caderno de Imagens e Notas (CIN), compartilhamos vivências e momentos que proporcionaram não só a valorização e a troca de saberes já experienciados pelos/as estudantes, mas também a produção de novos saberes relacionados ao fazer artístico, ao respeito ao outro e também a um olhar mais crítico.

Para que esses momentos de mediação e construção acontecessem, foi necessária primeiro uma revisão do projeto de pesquisa e da proposta pedagógica para submissão ao Comitê de Ética. Enquanto aguardava a resposta do comitê, fui aprofundando minhas leituras e meus estudos.

Após submissão, apreciação e aprovação do projeto pelo Comitê, pude me reunir com o grupo gestor e, juntos, definimos que as aulas de Arte, que até então eram em dias diferentes, seriam no mesmo dia e geminadas (ou seja, seguidas uma da outra), inicialmente às terças-feiras e depois às quartas-feiras<sup>4</sup>. Essas alterações foram importantes pois, para desenvolver a proposta pedagógica, era necessário que os encontros fossem de duas aulas consecutivas, o que não foi problema porque, as aulas curriculares de Arte do 3º semestre, têm uma carga horária de duas aulas semanais em que cada aula tem duração de 40 minutos, portanto as aulas geminadas tem duração total de 80 minutos.

A proposta pedagógica foi desenvolvida nas aulas curriculares de Arte, no primeiro semestre de 2023, com consentimento dos/as estudantes, todos/as maiores de 18 anos, e do grupo gestor. As atividades tiveram o propósito de incentivar os/as

---

<sup>4</sup> Essa alteração nos dias da semana se deu devido a algumas alterações internas na modulação dos professores/as.

estudantes a dialogarem, contextualizarem e produzirem artisticamente a partir de suas memórias.

Após apresentação do projeto e entrega dos termos de livre consentimento esclarecido para os/as alunos/as, iniciamos a proposta pedagógica que foi desenvolvida em dez encontros. No primeiro encontro, fizemos uma roda conversa sobre o caderno, na qual definimos a técnica e os materiais a serem utilizados na produção do CIN. Eles/as optaram em trabalhar com colagem, ainda que dissessem não ter nenhum conhecimento sobre a técnica, mas achavam que ela seria mais viável, pois poderiam trabalhar com materiais mais acessíveis. Em seguida cada participante recebeu um caderno brochura doado por mim, medindo 20 x 27,5 cm. No decorrer dos encontros, os/as estudantes deram um novo significado a este caderno em branco, fazendo colagens e anotações estimuladas pelas lembranças e experiências que serão explicitadas no decorrer deste texto.

No segundo encontro, compartilhamos a compreensão da palavra memória, buscando um diálogo que permeasse as imagens (fotos trazidas pelos estudantes) e abarcasse as lembranças que associam diferentes tempos (passado e presente), caracterizações de espaços de estar/vivenciar e memórias afetivas. Já no terceiro encontro, conversamos sobre memória a partir das obras da artista Selma Parreira<sup>5</sup>.

Os outros encontros foram dedicados à produção das colagens que compõem o CIN, sempre contextualizando e dialogando sobre o processo. O diálogo permeou todos os encontros visando a interação não só entre os/as participantes, como também comigo enquanto pesquisadora. Buscamos fazer dos encontros, um lugar em que todos se sentissem à vontade para compartilhar suas vivências e memórias, e, juntos, construirmos novas experiências.

Durante o processo, aconteceram também rodas de conversa, em que compartilhamos aprendizagens, dúvidas, angústias, medos e as alegrias em perceber que as experimentações na produção das colagens, as trocas, o olhar crítico, fortaleceram a capacidade de agir, transformar, perceber a si e ao outro.

No decorrer da produção do CIN, surgiram alguns desafios, como falta de conhecimento da técnica de colagem, insegurança, medo de não dar conta de fazer as colagens... Além disso, enfrentamos contratempos estruturais da escola, como interrupções no fornecimento de água que coincidiram com nossas aulas em duas ocasiões distintas, mas os/as alunos/as não se deixaram abalar, trouxeram suas

---

<sup>5</sup> Explicitarei os detalhes dessa conversa bem como as imagens das obras da artista na subseção: Memórias – Selma Parreira.

próprias garrafinhas de água para garantir a continuidade das atividades e disseram que não queriam faltar. Em outro momento, situações relacionadas ao trabalho levaram duas participantes a faltarem no quarto encontro, para cobrir colegas de profissão que estavam enfrentando problemas de saúde. De maneira espontânea, elas me perguntaram se eu poderia chegar à escola uma hora antes do início das aulas no dia seguinte, para que elas pudessem realizar a atividade do encontro que faltaram. Justificaram que moravam longe e que seus horários de trabalho naquela semana foram estendidos. Prontamente me coloquei à disposição para estar presente mais cedo e apoiá-las.

Esse episódio me fez perceber tanto o interesse das estudantes nas aulas, como que eu mesma compartilhava, e ainda compartilho, de dificuldades e desafios parecidos sobre conciliar trabalho, estudos, dificuldades com a técnica e o compromisso com o desenvolvimento artístico. Isso reforçou minha motivação em proporcionar um ambiente de aprendizado que fosse acolhedor e que levasse em consideração as particularidades de cada um/a, dando a oportunidade para que todos/as participassem e se sentissem sujeitos da própria aprendizagem. Assim, ao longo do processo de pesquisa, minha posição como sujeito participante foi não apenas de observadora, mas também de alguém que compartilhava as mesmas jornadas e que estava comprometida em promover um espaço de construção conjunta, onde o diálogo, a troca e a criação artística se entrelaçavam.

Além do interesse em participar das aulas, outro fato que me chamou a atenção foi que os/as outros/as colegas também compareceram mais cedo antes do início das aulas. Eles/as explicaram que o motivo para essa antecipação era o fato de que, no encontro anterior, tínhamos discutido sobre o que haviam explorado e criado desde o início do nosso projeto. Uma vez que as duas participantes haviam perdido essa oportunidade, acharam importante compartilharem entre si as experiências. Conforme diz a aluna Francinalva “nossa turma está se empenhando o máximo para criar arte, estou muito feliz”; Dinamir, outra aluna, complementa “foi um dia produtivo com essa turma maravilhosa!”

Assim, o grupo se fortaleceu e percebeu que era possível produzir, criar e recriar juntos. Percebemos que as memórias, as experiências compartilhadas nos levaram a refletir junto com o outro e “não apenas pensar o outro através de nós mesmos” (Brandão; Streck, 2006, p. 08).

As rodas de conversas possibilitaram uma aprendizagem colaborativa em que os/as participantes puderam se expressar e serem ouvidos, se sentindo empoderados

e percebendo que eram capazes de produzir o CIN. E foi nesse ambiente, permeado pelo diálogo e pela experimentação, que foi se desenvolvendo a pesquisa. E segundo Brandão e Borges é “[...] da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída” (Brandão; Borges, 2007, p.54).

Quando recebi os TCLE (modelo nos anexos, p.81), percebi que uma participante tinha autorizado usar áudio e imagem, porém não autorizou o uso do nome na pesquisa. No decorrer da produção do CIN, perguntei a eles/as como gostariam que eu os nomeasse na pesquisa, se queriam usar um nome fictício ou a inicial do nome ou se tinham outra sugestão. A aluna que não havia autorizado o uso do nome, espontaneamente sugeriu que eu colocasse o primeiro nome para identificar os/as participantes. Confirmei com ela se poderia usar seu nome na pesquisa ela disse “sim”, expliquei que levaria um novo termo para ela assinar autorizando o uso do nome. E assim foi feito, com a autorização de todos/as, utilizei o primeiro nome de cada participante no decorrer das seções.

Esse episódio é um exemplo de como nossos encontros foram conduzidos com base no diálogo, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo e mútuo. Além do diálogo constante entre os/as participantes, houve também um diálogo que foi desenvolvido através de obras e estudos de autores/as, o que enriqueceu a compreensão de alguns conceitos, fornecendo referências teóricas e práticas que fundamentam e ampliam nossas experiências.

### **1.3. Estabelecendo diálogos na construção do CIN**

Segundo Paulo Freire (2003), o processo de aprendizagem é mútuo entre professor/a e aluno/a, demonstrando que todos/as nós possuímos a capacidade de aprender, adaptar-nos e transformar a realidade. Nesse processo, é de fundamental importância o respeito aos saberes do/a aluno/a, a disposição para a pesquisa, a reflexão e a crítica sobre a prática, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2003, p.47).

O respeito aos saberes do/a estudante é essencial em qualquer modalidade de ensino, mas na EJA ele se torna um forte aliado do/a professor/a. Quando o/a docente busca resgatar e/ou valorizar as experiências do/a aluno/a da EJA, há a possibilidade de uma articulação entre experiência e prática. O/a aluno/a, jovem ou

adulto/a e até mesmo da terceira idade, são detentores de uma vivência ímpar que deve ser valorizada e respeitada. Para Dewey (2010), a experiência possibilita ao indivíduo uma reorganização das ideias, conhecimentos e percepções que o coloca em contato com outras formas de aprender, pois ela é capaz de transformar, desde que haja integração entre o fazer, o pensar e o sentir.

Desse modo, faz-se necessário que o/a professor/a seja um/a mediador/a que cria meios para que os/as estudantes sejam capazes de construir relações entre o ensino, a pesquisa, suas experiências e a produção artística. E o que se pretende “[...] é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e ‘não’ uma ‘educação bancária” (Barbosa, 1998, p. 40).

Paulo Freire (2003) destaca que a escola é um espaço no qual alunos/as e professores/as interagem e se constroem e que o/a aluno/a é um sujeito ativo, pois suas vivências e saberes contribuem para a construção do conhecimento e transformação da realidade. Freire acrescenta que “ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (Freire, 2003, p.23). Ele enfatiza que o que o/a aluno/a é, ou produz, está intrinsecamente ligado às suas vivências e experiências de vida. Além disso, destaca a importância de as ações e reflexões se relacionarem com diversos contextos, possibilitando ao estudante novas experiências, sejam elas subjetivas, do outro, de lugar ou de tempo.

Foi nessa perspectiva que a experimentação com o fazer artístico do CIN, se pautou, com base nos três focos disparadores – as fotos trazidas pelos alunos –, buscando associar as lembranças a diferentes tempos (passado e presente), memórias afetivas, caracterizações de espaços e de estar e vivenciar.

A proposta pedagógica foi pautada na Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa (2012) que, em um primeiro momento recebeu o nome de “Metodologia Triangular”, conforme descreve Bredariolli:

A Abordagem Triangular, inicialmente, foi divulgada como “Metodologia Triangular” (BARBOSA, 1991, p. 34). Poderíamos dizer que essa informação já é de conhecimento comum. Mesmo assim, vale a reiteração da história. O “clic”, ou a consumação da experiência, ou ainda o “agora de cognoscibilidade” aconteceu em 1983. Em 1991, foi publicado pela primeira vez “A Imagem no Ensino da Arte”, um dos principais meios de divulgação da “metodologia” visualizada em 1983 e depois realizada no Museu de Arte Contemporânea entre os anos de 1987 a 1993. Em 1998, Ana Mae Barbosa publica “Tópicos Utópicos”, fazendo uma revisão do que então denominava Proposta Triangular em relação à sua recepção. No texto intitulado “Arte educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular” (BARBOSA, 1998, p. 30-51), integrante desse livro, Ana Mae Barbosa dedica uma parte a “Correções à Proposta Triangular” (BARBOSA, 1998, p. 33-43), onde assume

a designação “Metodologia Triangular” como “infeliz”, embora a reconheça como uma “ação reconstrutora”. E foi, e ainda é. Sua sistematização provocou a revisão de paradigmas do ensino da arte. Atualizou os debates sobre ensino da arte, em contextos de educação formal e não-formal [...]” (Bredariolli, 2017, p.251).

Portanto, para se chegar à nomenclatura “Abordagem”, foram necessários alguns anos de estudos e experimentações, que ficam evidenciados na fala de Barbosa “hoje depois de anos de experimentação, estou convencida de que metodologia é construção de cada professor em sua sala de aula [...]” (Barbosa, 2012, p.33). Ao optar pelo termo “Abordagem” em detrimento de “Metodologia”, a autora reconhece que ela não se limita aos métodos utilizados pelos educadores/as, e sim se relaciona com a ação e a maneira como os/as alunos/as aprendem arte: “A Abordagem Triangular corresponde aos modos como se aprende, não é um modelo para o que se aprende” (Barbosa, 2012, p. XXVII). É uma proposta flexível baseada na ação, é aberta a reinterpretações, não existe uma sequência metodológica, cada educador/a tem liberdade para escolher sua metodologia de ensino.

A proposta pedagógica dessa pesquisa, pautada na Abordagem Triangular, tal qual se desdobra na interligação de três eixos: contextualizar, fazer e ler (ver). Segundo Barbosa:

O processo pode tomar diferentes caminhos /CONTEXTO\FAZER/CONTEXTO\VER ou VER/CONTEXTUALIZAR\FAZER/CONTEXTUALIZAR\ ou ainda FAZER/CONTEXTUALIZAR\VER/CONTEXTUALIZAR... O fazer arte exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto. (Barbosa, 2012, p.XXXIII).

Essa interligação dos três eixos permite várias possibilidades de ações para a atuação docente e práticas possíveis de ensino de arte. Vale ressaltar que o/a educador/a tem liberdade para escolher a ordem das ações, que são, na verdade, processos que podem tomar diferentes caminhos. Daí a importância de pensar o fazer artístico articulado com a leitura de imagens e o contexto, possibilitando ao/a aluno/a desenvolver um pensamento crítico, no qual suas experiências pessoais os ajudem a explorar novas formas de criação, recriação e observação da realidade.

Medeiros (2020)<sup>6</sup> também faz uma reflexão sobre a Abordagem Triangular em que a “triangulação” mencionada se refere à interconexão e interação dinâmica entre

---

<sup>6</sup> MEDEIROS, Souza, J. A. Ana, Paulo e John: por uma filosofia decolonial da arte através da educação. In: I Colóquio Percursos de Formação de Arte/Educação Contemporânea. FAV UFG. Goiânia, 30 de out. de 2020. 2:16 min. Disponível em: <https://www.facebook.com/favufg/videos/evento-saber-e-ensinar-desafios-da-diversidade/1052287458607415/>. Acesso em: 20 de abr. de 2023.

os três elementos fundamentais: “fazer”, “ler” e “contextualizar”, reforçando que ela não é uma receita detalhada para dar aulas de arte, mas sim uma maneira flexível de entender que tanto o/a aluno/a quanto o/a professor/a são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Essa interação fazer/ler/contextualizar não é estática, mas sim uma relação em constante movimento em que elementos influenciam uns aos outros no processo de ensino aprendizagem de arte.

Na Abordagem Triangular o termo, “fazer” se refere às experiências e experimentações do/a aluno/a, do/a professor/a e até mesmo do/a artista/a. O “ler” envolve a capacidade de perceber, decodificar e interpretar. Por fim, o “contextualizar” diz respeito aos diversos contextos explorados, não apenas do/a artista ou do/a professor/a, mas também o contexto do/a aluno/a. A Abordagem permite que se escolha qual dimensão focar a cada momento, sem se prender a uma hierarquia rígida, valorizando assim a flexibilidade, a interação e a subjetividade no processo de ensino aprendizagem.

O autor ressalta a importância de pensar nas diferentes formas de relações entre esses elementos. Por exemplo, pode-se estabelecer uma relação entre “fazer” e “ler”, ou seja, como as atividades práticas de criação artística estão relacionadas com a capacidade de interpretar e decodificar obras de arte. Essas relações não são fixas e podem variar de acordo com os contextos, objetivos de ensino e necessidades dos/as alunos/as. Da mesma forma, a relação entre “ler” e “contextualizar” envolve interpretar obras dentro do contexto do/a artista, do/a aluno/a, da escola. Já a relação entre “contextualizar” e “fazer” pode envolver a criação artística influenciada pelas informações contextuais.

Essas relações podem ser organizadas de acordo com o contexto e os objetivos específicos do ensino de arte. A ordem em que esses elementos são explorados pode variar, por exemplo, em um contexto específico pode ser mais relevante iniciar com a criação artística e depois interpretar, enquanto em outro contexto pode ser mais apropriado iniciar com a interpretação e então contextualizar. Para Medeiros, há três possíveis percursos para a exploração do conhecimento em arte: “produção de interpretação e contextos; interpretação de produções e contextos; contextualização de interpretações e produções” (Medeiros, 2020, 1:20min.). Esses percursos diversos permitem a formulação de estratégias metodológicas variadas no processo de ensino aprendizagem em artes, adaptando-se às necessidades e/ou anseios dos/as alunos/as.

No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, foi possível perceber que o fazer artístico não estava desvinculado da interpretação e do contexto do aluno/a, o que possibilitou experimentações e transformações, pois um fazer artístico trabalhado de forma isolada não proporciona uma aprendizagem significativa: “a prática sozinha tem se mostrado impotente para formar o apreciador e fruidor de arte” (Barbosa, 2012, p. 42). Quando o fazer artístico é utilizado de forma isolada, ele não contribui para a capacidade criadora. Daí a importância de compreender a inter-relação entre a produção, a contextualização e a leitura crítica.

Durante as atividades, tornou-se evidente como essa integração ocorria, permitindo, por meio da investigação, compreender que a experiência com o fazer artístico, estimulada pela memória, é significativa para o/a aluno/a já que “a arte é uma qualidade que permeia a experiência; não é, a não ser em sentido figurado, a experiência em si” (Dewey, 2010, p.551). Ela tem função social e promove a imaginação, desperta desejos, emoções e memórias.

Segundo Bergson (1999), as memórias possibilitam as relações entre presente e passado, essas relações acontecem de forma simultânea com os processos das representações: “a memória aparece como força subjetiva, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (Bergson, 1999, p. 183). Elas dão aos/as alunos/as a oportunidade de desenvolver imaginação, percepção e sentimentos para aprender e ressignificar através das experiências com o fazer artístico.

Esse fazer se deu também na construção de um Caderno de Imagens e Notas (CIN), considerando as vivências dos/as estudantes e oferecendo a possibilidade de identificar, escolher, reconstruir e construir experiências significativas, que os/as ajudassem a compreender momentos de seu cotidiano, de si mesmo, do outro e do lugar onde vivem. Segundo Dewey “a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (Dewey 2010, p.109). Sendo assim, a experiência não é individual ela se dá em uma contínua interação com o meio social.

O desenvolvimento humano ocorre através do contato entre pessoas e ambientes e o ato de criar faz parte desse processo de interação e conhecimento de si e do mundo. Essa ação criadora é permeada pela subjetividade, estabelecendo relações entre o mundo interno e externo do indivíduo. Ao pensar em cada estudante como um sujeito que está em constante interação com os outros, com o ambiente e consigo mesmo, torna-se essencial uma proposta de trabalho flexível que possa promover o desenvolvimento de ações criativas que ampliem as possibilidades de

interação entre o mundo interior, a intuição, a imaginação e a subjetividade com o mundo exterior. Visto que:

(...) a imaginação criativa nasce do interesse, do entusiasmo de um indivíduo pelas possibilidades maiores de certas matérias ou certas realidades. Provém de sua capacidade de se relacionar com elas. Pois, antes de mais nada, as indagações constituem formas de relacionamento afetivo, formas de respeito pela essencialidade de um fenômeno (Ostrower, 2012, p. 39).

A proposta de criação do CIN buscou, através das experimentações, dos diálogos e das observações, evocar lembranças de modo que os/as participantes sentissem interesse em criar a partir das memórias. Bosi destaca que a imagem-lembrança “traz à tona momentos únicos, singulares [...] refere-se a uma situação definida, individualizada” (Bosi, 1994, p.49). Para a autora, essas lembranças subjetivas evocam diferentes emoções e significados em cada indivíduo, influenciando a percepção de experiências, afetos e trajetórias pessoais, pois “enquanto evoca, está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência” (Bosi, 1994, p. 44).

Ao trazer fotos sua, de um lugar de experiência e de uma pessoa querida, os/as estudantes despertaram emoções e sentimentos não apenas neles/as próprios/as como no grupo, fazendo com que se identificassem com a proposta da pesquisa e que tivessem interesse em participar, possibilitando a imaginação criativa.

A seguir apresento o percurso da proposta pedagógica que teve como base as três ações que fundamentam a Abordagem Triangular, bem como os detalhes do processo, os focos disparadores e o contato dos/as participantes com as obras dos artistas Selma Parreira e Wolney Fernandes. A seção também aborda o impacto das memórias na produção artística dos/as estudantes da EJA destacando observações, diálogos e anotações ao longo do processo.

## 2. PROPOSTA PEDAGÓGICA EM PRÁTICA

Chegou então o dia de dar início à proposta de produção do CIN e o primeiro encontro teve como objetivo conversar sobre o caderno. Após dar as boas-vindas às/aos participantes e fazer esclarecimentos em relação a participação deles/as no projeto, entreguei a eles/elas um caderno brochura capa dura (que veio com as folhas coladas num agrupamento de quatro folhas para que a gramatura possibilitasse receber outras folhas e/ou colagens) que foi utilizado como Caderno de Imagens e Notas (CIN) no decorrer dos encontros e da proposta pedagógica.

Esclareci que esse caderno tem a mesma função de um diário, igual aquele que muitos/as de nós tivemos ou temos e no qual registramos, por meio de imagens e escrita, nossas experiências pessoais, pensamentos, sentimentos. Nesse momento, algumas alunas disseram que tinham tido diários na adolescência e que faziam registros escritos, mas quando perguntei se ainda tinham esses ou outros diários, disseram que não, mas que tinham boas lembranças desse tempo. Percebe-se aqui a identificação com as experiências passadas, em que o presente e o passado estão interligados e, segundo Bergson “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (Bergson, 2006, p.30).

Como referência e estímulo, apresentei o diário de Frida Kahlo, por meio de um vídeo<sup>7</sup>, para que percebessem um processo de produção a partir de imagens. Levando em consideração as referências: “O Diário Visual das Memórias a partir do Livro de artista: uma proposta de ensino aprendizagem desenvolvida no PARFOR” que é uma pesquisa realizada por Márcia Moreno em 2016. E uma monografia “Livro de artista como recurso metodológico no ensino de Artes Visuais” apresentada por Carolina Maria Barbosa de Oliveira Nogueira em 2013 ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

---

<sup>7</sup> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lsK5qAcOjJA>. Acesso em 23/12/2022.

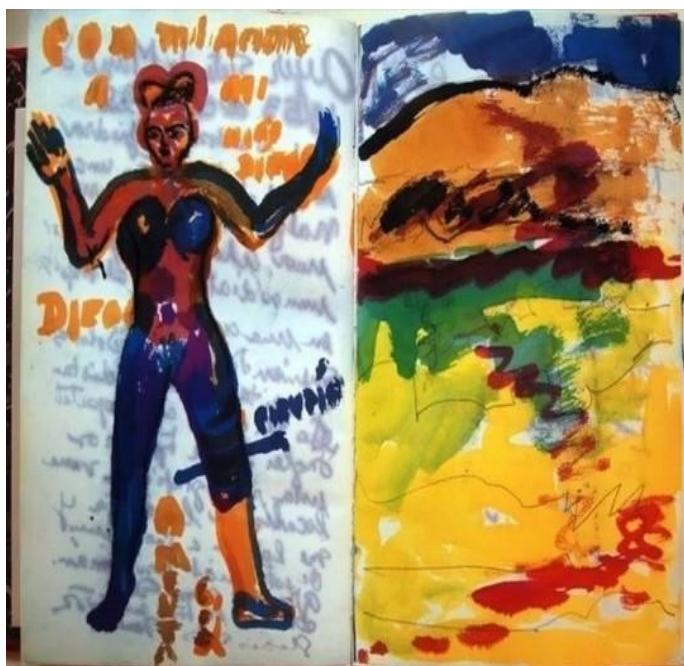
Após a apresentação do pequeno vídeo sobre o Diário de Frida Kahlo, iniciamos um diálogo sobre Frida e seu diário; para esse momento foram selecionadas duas imagens (figuras 3 e 4) que aparecem no vídeo como referência, para que os/as estudantes percebessem como foi desenvolvido o processo de produção.

Figura 3: Diário de Frida



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=lsK5qAcOjJA>. Acesso em 22/12/2022.

Figura 4: Diário de Frida



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=lsK5qAcOjJA>. Acesso em 22/12/2022.

Sobre a produção artística, Dewey ressalta que “A obra de arte só é completa na medida em que funciona na experiência de outros que não daquele que a criou” (Dewey, 2010, p.215). Ao compartilhar algumas imagens do diário da Frida, pude proporcionar aos/às participantes momentos de apreciação, interação e diálogo, o que possibilitou que cada um/a fizesse as suas interpretações e reflexões a partir das experiências de vida. Portanto, através do diálogo com as imagens do diário, cada participante deu um significado de acordo com suas individualidades.

Ainda como parte deste primeiro encontro, levantamos as possibilidades sobre técnicas artísticas a serem empregadas e combinamos quais materiais seriam experimentados na elaboração do CIN. Os/as participantes optaram pela colagem por conta do baixo custo envolvido.

Apesar de escolherem a colagem, eles/as admitiram não ter experiência com essa técnica, mas se mostraram dispostos/as a aprender juntos. Percebi que estavam se sentindo inseguros/as e apreensivos/as com possíveis dificuldades que poderiam enfrentar durante o processo, com medo de não conseguir um determinado resultado, mas dispostos/as a tentarem e determinados/as a darem o seu melhor.

Expliquei a eles/elas que iria apresentar algumas referências e que estava ali com eles/as orientando o processo, que iríamos aprender juntos. Trazendo aqui a ideia de Freire de que, “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado [...] se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (Freire, 1987, p.68). Senti também a necessidade de incentivá-los/as a experimentarem a técnica da colagem, respeitando suas ideias e individualidades, possibilitando que fizessem suas escolhas, dando-lhes a liberdade para definirem os rumos do seu fazer artístico.

Retomamos a ideia do CIN e expliquei que, como um caderno de artista, ele poderia ir além do formato tradicional do caderno brochura. Apresentei a eles/elas também algumas imagens de cadernos com formas diferentes, para que percebessem que mesmo que o suporte seja um caderno, não precisariam necessariamente que o CIN mantivesse seu formato original. Poderiam expandir as folhas, fazer dobras, encaixes, como na figura 5.



## 2.1 Focos disparadores da Memória

Dando sequência à proposta pedagógica, iniciamos o segundo encontro discutindo concepções sobre memória. Buscando um diálogo que permeasse as fotos trazidas pelos estudantes e que abarcasse lembranças que associam diferentes tempos e memórias afetivas. Cada participante teve oportunidade de compartilhar sua compreensão da palavra ‘memória’. “O tempo vivo da Memória: ensaios da sociologia social”, de Ecléia Bosi (2003) foi a referência bibliográfica que orientou esta discussão.

Fizemos uma roda e cada participante apresentou suas fotos impressas conforme definido no encontro anterior. Buscamos estabelecer um diálogo que permeasse as fotos e abarcasse lembranças que associaram diferentes tempos (passado e presente), caracterizações de espaços de estar/vivenciar e memórias afetivas.

Algumas questões que nortearam o diálogo na roda de conversa foram:

- Foto antiga dele/dela:
  - a) Como ele/a se vê na foto que selecionou?
  - b) Fale sobre uma transformação que passou ao longo do tempo;
- Foto de um lugar-referência de suas experiências:
  - a) Como esse lugar te afeta?
  - b) Quais lembranças (cheiro, gosto, ambientes, pessoas, sentimentos, cores, formas, textura) te vêm à mente ao olhar a foto?
- Foto de uma pessoa querida:
  - a) O que quer dizer para essa pessoa querida?
  - b) Conte sobre uma experiência ao lado dessa pessoa.

Ao falar das fotos, foram evocadas lembranças de lugares, de si e do outro, e, naquele momento, o passado presentificado trouxe à tona lembranças afetivas, sensações, sentimentos de alegria /tristeza, sonhos; percebi que as memórias em um fluxo constante vão do presente ao passado e do passado ao presente.

A partir do diálogo foi possível perceber também que as lembranças não foram apenas uma reprodução mecânica do passado, os/as estudantes reviveram sensações, se emocionaram com as lembranças no decorrer da nossa conversa. Naquele momento, vivenciaram a duração e a continuidade do tempo, as experiências do presente foram mais ricas e mais completas do que as lembranças do passado; de acordo com Bergson a “sensação rememorada torna-se mais atual quando sentimos melhor seu peso, que a lembrança da sensação era esta sensação nascente”

(Bergson, 1999, p.158-159). As lembranças vivenciadas nesse momento são “sensação nascente” estão relacionadas a uma experiência nova, imediata que ocorre no momento presente. As lembranças que essas fotos evocaram foram mais intensas porque, quando relembramos uma memória, sentimos sua intensidade naquele instante.

Após o momento de diálogo os/as participantes deram início aos registros por meio da colagem, utilizaram uma das fotos e os materiais (imagens diversas, cola, tesoura, estilete, base de corte, caderno) que combinamos utilizar no encontro passado. Eles/as iniciaram o processo durante esse encontro e finalizaram em casa.

Antes de começarem a fazer as colagens, expliquei sobre tesouras, estiletes, base de corte, texturas, cores, formas, suporte, imagens, objetos, tecidos, linhas, cola de acordo com os materiais que haviam escolhido. Quando perguntei a ele/as se conheciam algum/a artista que fazia colagens, disseram não conhecer e que a única experiência que tinham era de colar alguma imagem, lembrete ou atividade no caderno.

Como não tinham nenhuma referência artística de colagem, sugeri que fizessem uma pesquisa na internet, caso tivessem interesse. E dando continuidade a explicação, além de falar da técnica, apresentei a eles/as três obras do artista Wolney Fernandes (figuras 6, 7 e 8). A escolha das obras se deu a partir da observação de que o processo criativo deste artista está ligado diretamente às memórias.

Figura 6: Sem título, Wolney Fernandes, 2020.



Fonte: Instagram do Artista “@wolneyfernandes” acesso em 20/12/2022.

Figura 7: Infinito



Fonte: Instagram do Artista “@wolneyfernandes” Acesso em 20/12/2022.

Figura 8: Sem título, Wolney Fernandes, 2022



Fonte: Instagram do Artista “@wolneyfernandes”. Acesso em 20/12/2022

Conforme fomos observando as obras, algumas questões foram direcionando a leitura/contextualização: o que chamou a atenção nas três obras do artista? Que lugares, tempo, espaços (memórias) vocês percebem que são representados por ele? Essas representações do artista fazem que lembrem de alguma experiência ou de alguém? Quais os materiais e as técnicas utilizadas nessas obras? Conseguem relacionar o que conversamos com algum aspecto das obras do artista?

Durante a nossa conversa sobre as obras do Wolney, naquele segundo encontro, alguns/mas alunos/as relacionaram as obras aos seus contextos e às suas lembranças pessoais:

Essa imagem faz eu lembrar da minha vó, dos seus chás, como eram gostosos, aquele cheiro [...] (Francinalva, 2023).

Aquela caneca é igual a que meu pai tinha quando a gente morava na roça, ele não gostava de chá, tomava café feito no fogão a lenha, quente! Quando eu pegava a caneca chegava queimar os dedos, a vida na roça era sofrida (suspiro) (Dinamir, 2023).

Esse artista sabe mexer com as lembranças da gente (Wanderson, 2023).

O menino lendo (pausa) quando eu era criança e tinha muita vontade de ler, não tinha escola perto, era muito difícil, aí professora eu só estudei o primário, é um orgulho *pra* mim (com lágrimas nos olhos) tenho muito orgulho de tá na escola (Vanda, 2023).

Os relatos dos/as participantes, ao relacionar suas vivências e memórias pessoais às imagens apresentadas, destacam que as memórias resgatam e dão voz às experiências singulares de cada indivíduo. A fala de Francinalva evoca a lembrança do cheiro dos chás da avó e revela a capacidade das imagens de despertar conexões emocionais profundas que perpassam os sentidos e resgatam elementos afetivos da trajetória de vida da estudante. A referência à caneca na roça, feita por Dinamir, associada ao café no fogão a lenha e às dificuldades enfrentadas, destaca a autenticidade das lembranças e a capacidade de evocar experiências, pensamentos e emoções vividas por ela. A observação de Wanderson, quando explica que "esse artista sabe mexer com as lembranças da gente", enfatiza o poder transformador da arte na recuperação e ressignificação de memórias pessoais.

Percebe-se, nesses relatos, que as obras fizeram sentido para eles/elas, que conseguiram relacioná-las com suas vivências, inclusive com o momento presente, conforme expõe a participante Vanda, afirmando que tem "muito orgulho de tá na escola". Segundo Barbosa "o contexto se torna mediador e propositor dependendo da natureza das obras, do momento e do tempo de aproximação do criador" (Barbosa, 2012, p. XXXIII). As colagens do Wolney fizeram sentido para eles/elas

compreenderem a relação dessas obras com o que viveram em momentos distintos de suas vidas, conseguindo fazer a conexão das obras do artista com suas experiências de vida.

Após conversarmos sobre as obras do Wolney, demos início às colagens. Eles/as tiveram muita dificuldade com a técnica, pois não tinham muita coordenação motora para recortar as imagens, além da dificuldade para colar e trabalhar com texturas, cores e formas. Percebendo os desafios do grupo, sentei-me com eles/as e, juntos, recortamos algumas imagens, usamos tesouras de tamanhos diferentes. Fizemos algumas experiências com cores e materiais de texturas diferentes. Eles/as escolheram as imagens (figura 9), separaram algumas com as quais gostariam de trabalhar e, em seguida, cortaram, colocaram sobre a mesa e começaram a experimentar algumas possibilidades.

Figura 9: Momentos de criação



Fonte: Acervo da autora (2023).

Essa experimentação foi importante para eles/as se familiarizarem com a técnica da colagem, o que fica evidente na fala de uma aluna: “a cada vez que a gente mexe, a gente vê que muda o visual, nitidamente muda, às vezes a gente mexe uma coisinha. Nossa, agora ficou melhor ainda! É um negócio inexplicável a arte”. (Francinalva). Já Vanda diz “ainda estou com um pouco de dificuldade para recortar, gostei, essa experiência foi muito boa”. Ao final daquele encontro, todos/as estavam mais tranquilos/as, o que pude perceber com a fala de Sheile: “eu fiquei com muito medo de não conseguir, mais ufa! Deu certo!” Combinamos que eles/as iriam terminar as colagens em casa e que, na próxima semana, nós falaríamos sobre memória tendo como referência a artista Selma Parreira.

## **2.2 Memórias: Selma Parreira**

No terceiro encontro, conversamos sobre “memória” a partir de obras da artista Selma Parreira<sup>9</sup>. Foi o momento de pensar com os/as participantes sobre o processo de criação da artista e sua trajetória, isso tinha por objetivo trazer referências para que eles/elas pudessem conhecer o fazer artístico de outros artistas, permitindo que tivessem liberdade de explorar e interagir sem imposições, deixar que fizessem suas interpretações, estimulando-os a criarem seus próprios significados e conexões, valorizando a experiência de cada um/a. Segundo Barbosa (2012), quando os/as alunos/as têm a liberdade de escolher e são estimulados/as, eles/elas são mais propensos a encontrar meios de expressão que correspondam às suas próprias experiências, sentimentos e perspectivas. Isso contribui para o desenvolvimento de uma expressão artística autêntica e única.

Ao proporcionar aos alunos/as a observação de imagens do diário de Frida, das obras do artista Wolney Fernandes e de alguns trabalhos da artista Selma Parreira, respeitando as individualidades e valorizando as suas experiências, eles/as se sentiram estimulados/as para criarem e livres para explorar as obras de acordo com o ritmo e interesse de cada um/a, valorizando a sua singularidade.

---

<sup>9</sup> Selma Parreira é uma artista natural de Buriti Alegre (GO), que reside e trabalha em Goiânia. Fez exposições individuais e coletivas em várias capitais do país, entre elas Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Goiânia. Selma começou sua produção em artes na década de 1980. Seus trabalhos transitam entre pintura, fotografia, instalação, intervenção urbana e vídeo. Disponível em: <https://fundoculturalgoias.educacao.go.gov.br/projetos/selma-parreira-expoe-no-mac/>. Acesso em 18 de dezembro de 2023.

Para iniciar o nosso diálogo, apresentei dois vídeos: “Retrato Cultural: Selma Parreira”<sup>10</sup> e “Enredo Cultural 2018 - Selma Parreira”<sup>11</sup>. Nos vídeos, Selma faz um relato sobre suas memórias e seu processo criativo tornando possível conhecer um pouco das experiências da artista.

Após a apresentação dos vídeos, tecemos observações sobre as três obras das séries “A dor e os Segredos” e “Desuso” (figuras 10; 11 e 12); nesse momento os/as participantes falaram o que viam, as sensações, emoções, lembranças que eles/elas suscitaram indagando se as imagens remetem a alguém ou a algum lugar e como observaram os traços, cores, formas, texturas.

Figura 10: Fotografia da série “A dor e os segredos” - Selma Parreira, 2014



Fonte: Catálogo da Exposição “A dor e os segredos” (2014).

---

<sup>10</sup> RETRATO CULTURAL: Selma Parreira. Goiânia, 19 jun. 2019. Publicado pelo canal TV UFG. Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=cu4NFfz4X4w>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

<sup>11</sup> ENREDO CULTURAL: Selma Parreira. Goiânia, 09 nov. 2018. Publicado pelo canal TV UFG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z81fpK9exuk>. Acesso em 20 novembro de 2022.

Figura 11: Fotografia da série “A dor e os segredos” - Selma Parreira, 2014



Fonte: Catálogo da Exposição “A dor e o segredo” (2014).

Figura 12: Pintura da série “Desuso” - Selma Parreira, 2015



Fonte: Catálogo da Exposição “Desuso” (2015).

Conversamos sobre como a artista procura tornar visível suas memórias utilizando fotografias, objetos, imagens e fragmentos de arquitetura, entrelaçando passado e presente, lugares e afetos, ressignificando e dando novas formas aos objetos/imagens. Muitos dos trabalhos da artista guardam uma forte relação entre memória e imagem; para esse momento de investigação, foram apresentadas três obras, sendo duas da série: “A dor e os segredos” (2014) e uma da série “Desuso (2015)”, que é um desdobramento do “Projeto MACHINA”. Nestas séries, as memórias se realizam, atualizam e inventam imagens que, além de contar histórias, redefinem sentidos, lugares e afetos.

Algumas questões direcionaram o ver/interpretar, o contextualizar e o fazer artístico: o que chamou a atenção nas três obras da artista? Que lugares, tempo, espaços (memórias) vocês percebem que são representados por ela? Essas representações da artista fazem com que vocês lembrem de alguma experiência ou de alguém? Quais os materiais, técnicas utilizadas nessas obras? Que observações podem anotar sobre o processo do fazer artístico da artista? Conseguem relacionar o que produziram em seus cadernos com algum aspecto das obras da artista?

Após este momento de diálogo, os/as participantes foram orientados/as a anotarem pontos que acharam relevantes ou que de alguma forma os/as tocaram, tendo como referências as obras apresentadas e o que foi dialogado nesse encontro.

Barbosa afirma que, para decodificar uma obra de arte, é necessário desenvolver um pensamento criativo e destaca a importância da apreciação e compreensão, pois “flexibilidade, fluência, elaboração, todos esses processos mentais envolvidos na criatividade são mobilizados no ato de decodificação da obra de arte” (Barbosa, 2012, p.43).

Ao observarem as obras da artista, os/as estudantes fizeram associações, exploraram diversos caminhos de pensamento, trouxeram seus pontos de vista, relacionaram as obras com suas próprias experiências e evocaram lembranças. Isso pode ser percebido nos relatos dos/as participantes:

As fotografias são muito reais me lembra as mãos de minha mãe, as minhas também [...] o trabalho dessa artista é muito bonito, parece difícil saber harmonizar as cores, formas (*pausa*) lindo, mas é muito difícil (Francinalva, 2023).

Minha avó, quando eu era menina lavava roupa pros outros no rio, pra *cria nois*, foi muito difícil pra ela, hoje as coisas tá mais fácil, tem máquina de lava [...] ela ralou muito e eu também quando era menina (Sheile, 2023).

A pintura dela é diferente, ela traz o passado, as coisas que ela viveu, de um jeito diferente, bonito essa é a arte dela (Dinamir, 2023).

As lembranças da infância da artista Selma Parreira, aquela cor azul, o armazém despertou a curiosidade nela, foi onde ela mergulhou no mundo da arte, experimentou a fotografia, a pintura e fez essas obras (Wanderson, 2023).

As reflexões dos/as participantes sobre as obras de Selma Parreira demonstram a conexão entre as imagens e suas próprias experiências de vida. A menção às mãos da mãe, que aparece na fala de Francinalva, destaca a capacidade da arte em evocar memórias afetivas que envolvem familiares numa atmosfera de cuidado, trabalho e herança, evidenciando a habilidade da artista em transmitir emoções e narrativas por meio de suas obras. A fala de Dinamir sobre o trabalho da artista como "muito bonito", assim como a observação sobre a harmonização de cores e formas, indica não só uma apreciação estética, mas também o reconhecimento de alguns elementos da linguagem visual. Outra referência foi feita por Sheile, que explicou que a avó lavava roupa no rio e ressaltou a evolução das condições de vida ao longo do tempo e como a arte pode ser um reflexo dessa transformação.

A menção às lembranças da infância da artista na observação de Wanderson evidencia a curiosidade despertada pelo armazém na versatilidade da prática artística em evocar e expressar narrativas pessoais. Essas falas ilustram como esta pesquisa está proporcionando um espaço para a ressonância e reconhecimento das experiências individuais, além de evidenciar o poder das imagens em resgatar memórias significativas.

Desse modo, fica evidente que cada um/a fez sua interpretação, explorou os diferentes significados e desenvolveu a sua compreensão sobre o fazer artístico de Selma Parreira. Dando sequência à proposta, fomos para o quarto encontro, que se iniciou com a apresentação das reflexões do encontro anterior. Com o objetivo de identificar como os/as participantes compreenderam o processo artístico de Selma Parreira.

Em seguida, cada participante produziu uma colagem entrelaçando passado/presente, lugares e afetos a partir dos nossos diálogos e das reflexões desde o nosso primeiro encontro. Antes de iniciarem as colagens retomamos o diálogo da aula anterior sobre as obras da Selma, e algumas alunas fizeram seus comentários:

Ela representa vários espaços: a cidade, rio, o armazém, a curiosidade a fez conhecer e querer fazer arte, representa a força do trabalho, usa tintas, lona, pedra anil coisas do passado que, com a arte, ela traz para o presente de forma diferente (Gisele, 2023).

Aquele azul que ela utilizou fez eu voltar lá na minha infância, quando eu tomava banho no córrego com meus primos; como pode uma obra de arte mexer tanto com as lembranças da gente? (Dinamir,2023).

Nem sabia que tinha arte assim, antes via uma pintura e só achava bonito ou feio, nessas aulas é diferente, fez eu lembrar de lugares que morei, dos cheiros, de pessoas queridas que não estão mais aqui, é uma experiência diferente (Vanda,2023).

Essas falas sobre a representação de vários lugares nas obras, como cidade, rio e armazém, destacam a capacidade da arte em abordar diferentes aspectos da vida e estimular a curiosidade e o desejo pelo fazer artístico. A associação do azul à infância de Dinamir e a observação sobre a experiência única das aulas de arte, que as fazem lembrar de lugares, de cheiros e de pessoas queridas, como aparece também na fala de Vanda, ressaltam o impacto emocional e sensorial da arte na reconexão com as próprias vivências, conectando o passado com o presente. Conforme mencionado também por Gisele “coisas do passado que, com a arte, ela traz para o presente de forma diferente”, ressaltando a capacidade da arte de trazer elementos do passado para o presente de uma maneira única e significativa.

## **2.3 Experiências com o fazer artístico**

Iniciamos o quinto encontro com a apresentação das colagens que os/as estudantes começaram a produzir no segundo encontro – e que finalizaram em casa. Foi o momento de recordar as experiências e memórias explicitadas anteriormente, reunindo as três fotos que cada um/a selecionou e as imagens que trouxeram com o objetivo de desenvolver o fazer artístico. Após a apresentação das colagens, cada participante produziu uma nova colagem tendo como referência as experiências das etapas anteriores.

Ao final, propus como atividade de casa que eles/elas realizassem um momento de observação do CIN, para olharem o que produziram e dizerem se consideravam aquele produto “um fazer artístico”. Para tanto, os/as estudantes foram guiados/as por algumas questões:

- a) Quais mudanças vocês percebem do primeiro encontro até o encontro atual?
- b) Como o contato com as obras dos artistas Wolney Fernandes e Selma Parreira os ajudaram no momento de produção no Caderno de Imagens e Notas?

Após realizarem a observação, caso tivessem interesse poderiam fazer anotações no caderno. Algumas dessas anotações foram disponibilizadas pelos/as estudantes (figuras 13, 14 e 15):

Figura 13: Registro no CIN - Vanda, 2023

Voces nem imaginam a emoção das  
minhas aulas de arte, aprendemos que nossa  
imaginação pode ir muito além de tudo

Fonte: Acervo da autora.

Figura 14 :Registro no CIN - Francinalva, 2023.

Na primeira aula foi muito difícil não  
saber como fazer por onde começar, a segunda  
aula foi mais produtiva, fiz colagem, escrevi  
sobre aula, o que sentir; no início foi muito  
difícil nunca tinha feito algo desse tipo, mais  
está sendo muito gratificante, pois resgatei  
memórias antigas da minha infância algumas  
doresas claro, outras bem emocionante.  
Assim a gente volta no tempo outra  
vez, sem um misto de emoções que  
nos dá muitas alegrias.

Fonte: Acervo da autora.

Figura 15: Anotações no CIN - Dinamir, 2023

No primeiro dia eu estava perdida não sa-  
bia nem por onde começar. Eu pensei ficou amado  
eu não vou dar conta disso aqui. Ai depois que vi  
alguns trabalhos da Telma e do Wolney vi como po-  
dia trabalhar com a memória, foi abrindo um le-  
que, abrindo a mente. Aquelas fotos nossas fez as  
lembranças aparecerem, ai já fluiu. Na primeira  
colagem eu ainda estava tensa. Na segunda já  
foi melhor, quando via uma imagem já pensa-  
va, essa aqui casa com que eu estou pensa-  
do é pertinho e com que aconteceu com minhas  
lembranças. Ai eu fui fazendo, e as lembranças  
foram ajudando a escolher as imagens e fazer  
as colagens. Muitas memórias da minha infância.

Fonte: Acervo da autora.

Demos sequência à proposta na semana seguinte. Naquele momento, nosso encontro foi dedicado à apresentação do que foi produzido em casa, com o objetivo de finalizar o período de produção do Caderno de Imagens e Notas. Para esta etapa de produção, sugeri que cada participante utilizasse a técnica que desenvolveu nos encontros anteriores para personalizar a capa do CIN. Cada um/a escolheu como seria a capa do seu caderno. Além disso, os/as estudantes comentaram sobre como o CIN e todo o processo artístico que os/as impactou. Uma das falas que quero destacar é a da Dinamir, que demonstra como sua concepção de arte mudou com a proposta:

[...] pensava que arte era desenhar e pintar, essa arte, esse caderno pra mim e muito mais que um simples caderno, sabe professora ele é transformação, criação, nunca pensei que ia fazer algo assim que mexesse tanto comigo, sei que tem alguns que talvez vai guardar ele, ou deixar de lado, eu não vou parar, vou fazer mais colagens (Dinamir, 2023).

Outra aluna também relacionou a pesquisa com colagem e o CIN a mudanças importantes na sua vida e na sua autoestima, além de, como a colega, enfatizar a mudança de perspectiva sobre o que é arte:

Eu também não conhecia esse tipo de arte, aprendi a usar colas diferentes, cortar e colar com harmonia e também como dar vida às minhas emoções e sentimentos que se transformam numa simples colagem, as lembranças são emoções reais como se fosse naquele dia, trazendo cheiros, gostos e também muito amor, reviver esses momentos é muito importante, me ajuda a acreditar que vale a pena. Essas colagens me fez ver que eu posso chegar aonde eu quiser e que também sou capaz de superar muitos obstáculos na vida, que sou uma mulher forte e determinada, esse caderno me ajudou a acreditar mais em mim, vou continuar fazendo essa arte (Sheile, 2023).

Ao relatar a importância de "reviver esses momentos" por meio das colagens, Sheile indicou que a prática artística proporcionou uma oportunidade única de reconexão com lembranças significativas. Ela também afirmou que a experiência a ajudou a "acreditar que vale a pena", sugerindo que a proposta reforçou a importância da expressão e do fazer artístico na construção do significado pessoal e na valorização das próprias vivências. Ao mencionar, por exemplo, que as colagens a fizeram perceber que "pode chegar aonde quiser" e que é "uma mulher forte e determinada", isso evidencia a transformação no modo como ela se vê e na sua capacidade de lutar pelo que quer. Dessa forma, a participante reconhece não apenas a capacidade de superar obstáculos, mas também o fortalecimento da autoestima e

da autopercepção, destacando a relevância da pesquisa na promoção do empoderamento individual por meio do fazer artístico.

Esses relatos vieram ao encontro com as minhas expectativas de que quando o fazer artístico é estimulado pela memória, ele se torna significativo para os/as alunos/as. E, para minha surpresa, eles/as não conheciam sobre colagem, mesmo sendo uma técnica acessível, como também não a reconheciam como arte.

De acordo com Barbosa “também é essencial o conhecimento dos diversos instrumentos de produção artística, ficando bem claro que esse conhecimento não deve ser fim em si mesmo, mas um meio para que se consiga ver, significar e produzir arte” (Barbosa, 2002, p.114). Assim, o conhecimento de técnicas diversificadas é uma base essencial para a produção; mas o verdadeiro objetivo é utilizar essas técnicas para criar obras de modo que sejam significativas que tragam à tona emoções, reflexões e questionamentos. Essas colagens foram um meio para que os/as alunos/as alcançassem uma compreensão do fazer artístico e de si mesmo, uma forma de autodescoberta e fortalecimento pessoal proporcionando a eles/as uma experiência de conexão consigo mesmas e com o meio em que vivem. Dando sequência ao diálogo, outra participante com os olhos cheios de lágrimas disse:

[...] eu também não vou parar, vou continuar, vou fazer junto com minha neta, na capa professora eu vou colocar as três gerações, eu, minha filha e minha neta, ligadas com esse cordão, mostrou um cordão de costurar saco sabe por que vou usar esse cordão? Pra muitos esse é apenas um cordão que costurou saco, pra mim tem outro significado, foi um cordão igual a esse que amarrô o umbigo dos meus filhos e que aqui nesse caderno une neta, avó, mãe, laços familiares (Francinalva, 2023).

As palavras de Francinalva refletem a riqueza simbólica e pessoal que a produção do CIN proporcionou. A escolha do cordão como elemento simbólico, evidencia a conexão entre passado e presente, há também a valorização e celebração dos laços familiares representados pelas três gerações na capa do caderno. A participante expressa um compromisso contínuo com a prática artística, indicando que a produção do CIN não apenas despertou um interesse momentâneo, mas gerou um impulso duradouro para continuar explorando o fazer artístico como meio de conexão com suas raízes familiares e como forma de expressão pessoal. Dessa forma, a atividade, proporcionou mais do que a aprendizagem de técnicas artísticas, também influenciou as escolhas simbólicas que contribuem para a expressão individual e coletiva do/no fazer artístico.

Ao resgatar as memórias familiares e incluí-las no processo de criação, ela acionou algumas lembranças-puras (Bergson, 1999) que vieram à tona, possibilitando

a ela refletir sobre essas lembranças, sobre as experiências vividas no passado, suas escolhas e, valores familiares que influenciaram sua vivência ao longo do tempo e que passaram a constituir o seu fazer artístico.

Percebe-se ainda nos relatos mencionados que as colagens criaram uma realidade que foi intensificada pelas lembranças vivenciadas e experienciadas com o fazer artístico. O que proporcionou uma forma única de experimentar e entender a realidade em que:

[...] criar representa uma intensidade do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos em nós, e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e complexos (Ostrower, 2012, p. 28).

Esses relatos e a produção (figura 16) vêm ao encontro também das ideias de Dewey de que “o mundo que experimentamos no passado se torna parte do eu que age e sofre ação em outras experiências” (Dewey, 2010, p.212). Como no exemplo da aluna em que o fazer artístico foi estimulado pelas lembranças do nascimento dos filhos e, ao trazer esse momento para o presente, ele chega carregado de emoções que foram ressignificadas na colagem que ela produziu, dando um novo sentido ao cordão de costurar saco. Essa experiência proporcionou a ela momentos em que pode evocar lembranças, emoções e sentimentos que despertaram uma conexão maior com o tempo, com ela e com o outro dando novo significado às imagens e ao objeto (cordão), despertando novas sensações. Para Ostrower:

Uma experiência artística se dá no âmbito da sensibilidade. Além do profundo prazer, ela nos transmite um sentimento de expansão de vida, e ao mesmo tempo desencadeia em nós a compreensão de certas verdades, sobre o mundo e sobre nós. Sentimos que algo de importante está sendo formulado, e que nós mesmos participamos da formulação, pois conseguimos entender o conteúdo da mensagem (Ostrower, 1990, p.217).

Esse momento carregado de memórias afetivas, fez com que a estudante sentisse uma conexão pessoal com o processo do fazer artístico, sentindo-se envolvida na experiência criando novas sensações. E é nesse ‘âmbito da sensibilidade’ que acontece a experiência artística.

Figura 16: Capa do CIN – Francinalva, 2023



Fonte: Acervo da autora.

## 2.4 Compartilhando experiências

Chegamos ao sétimo encontro e, nesse ponto, as colagens já estavam finalizadas e os cadernos personalizados. Fizemos então uma roda de conversa em que cada participante escolheu uma de suas produções e/ou anotações no CIN para compartilhar com o grupo participante. Em seguida, cada um/a escolheu uma produção do/da colega para falar sobre ela e quais as conexões que perceberam com seus trabalhos e tudo o que foi abordado nos encontros. Um dos objetivos foi que eles/elas conversassem sobre como as memórias os/as ajudaram nesse processo durante o fazer artístico e sua correlação com experiências subjetivas, as de lugar/espço e as de alteridade. Durante nossa conversa um aluno disse:

Eu acho que aqui todos nós tem uma reação diferente de quando começamos as colagens, cada um de nós lembrou de alguma coisa, de uma emoção, de um carinho, de amor, de algum lugar, de alguém, de alguma coisa lá do passado e através das colagens você trouxe aquilo à tona, que às vezes não conseguimos expressar falando, no caderno conseguimos falar através das fotos, das colagens, através das imagens, coisas que você nem sabia que tinha, mais você lembrou e trouxe outras formas de pensar de fazer (Wanderson, 2023).

Wanderson destaca a potência das colagens como meio de evocar memórias e emoções. Através dessa prática artística, cada participante pôde expressar vivências e sentimentos de uma forma que transcende a linguagem verbal. Por exemplo, ao mencionar que "cada um lembrou de alguma coisa", ele aponta para a capacidade das colagens em despertar recordações individuais. Ao afirmar que "trouxe outras formas de pensar, de fazer", destaca como o processo artístico no caderno proporcionou uma nova maneira de abordar e representar suas experiências. Assim, foi possível perceber em sua fala que as colagens permitiram explorar, comunicar e refletir sobre suas próprias narrativas de maneiras diversas e enriquecedoras.

Podemos perceber a relação entre a memória e o fazer artístico com produção das colagens, que não foi apenas uma recordação do passado, mas sim influenciaram o modo como o aluno percebeu e agiu no presente. Ou seja, o seu fazer artístico conectou as experiências passadas com o presente, trazendo várias lembranças não como uma cópia exata do passado, mas uma reconstrução criativa e dinâmica que influenciou a percepção, a ação e a reflexão na construção do CIN. Para Bergson a memória não é apenas uma cópia estática do passado, "ela prolonga o passado no presente" (Bergson, 2006, p.247), "é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde" (Bergson, 2006, p. 179). Para ele, a lembrança é ainda "a representação de um objeto ausente" (Bergson, 1999, p.80; p.275).

Portanto, a memória reelabora e transforma as lembranças adaptando-as ao contexto atual, essa reelaboração do passado no presente faz com que elas sejam significativas para o/a aluno/a, ajudando-o/a a tomar decisões e influenciando a sua forma de pensar e agir naquele momento, bem como o seu fazer artístico.

Em seguida, outra estudante comentou também sobre sua produção e como foi o processo de criação, muitas vezes marcado por dúvidas e incertezas:

Eu quero compartilhar a minha primeira colagem, eu fiquei com dó de recortar a foto, pensei "qual sentido de recortar e colar essas coisas?" Depois eu fui me soltando, as nossas conversas, as lembranças, os trabalhos dos artistas, os colegas, comecei achar interessante, começou a fazer sentido, tem muito sentimento aqui (pausa). Foi me dando aquela vontade de experimentar, aí as outras (fotos) já recortei, consegui organizar melhor as imagens. Olho aqui e vejo que aprendi muito, hoje tenho mais vontade de vir para escola, aprender mais (pausa olhando para a colagem) quero refazer essa colagem, aqui as coisas era sem sentido, agora vejo diferente (Maiane, 2023).

Em sua fala, Maiane, expõe que ficou "com dó de recortar a foto" e que houve um momento de relutância em relação à prática de recortar fotos, associando-a a

sentimentos de dó e questionamentos sobre o propósito dessa ação. O inicial sentimento de hesitação e dúvida, simbolizado pela compaixão ao recortar uma foto, transformou em um processo de descoberta e aprendizado, pois segundo Maiane “foi me dando aquela vontade de experimentar” (figura 17). Suas palavras revelam uma mudança notável em sua relação com a prática das colagens e uma transformação significativa em sua percepção e engajamento.

Figura 17: Produção do CIN - Maiane, 2023.



Fonte: Acervo da autora.

A participação nas conversas, as lembranças, a exploração dos trabalhos de artistas e a interação com os/as colegas foram elementos-chave que conferiram sentido e propósito ao ato de recortar e colar. Ao final, Maiane afirma que hoje tem “mais vontade de vir para escola, aprender mais” e destaca que a experiência com o CIN ampliou suas habilidades e revitalizou seu entusiasmo pelo ambiente escolar, evidenciando a riqueza transformadora do fazer artístico.

Foi possível perceber também que, tanto em minha pesquisa, como nas falas das estudantes, que o processo criativo é sensível, no sentido de trazer à tona sensações e emoções, permitindo uma conexão entre o fazer artístico e o universo interior de cada aluna. Que é evidenciado também na fala de outra aluna, que olha para uma de suas colagens e diz com os olhos cheios de lágrimas:

Foi uma sensação muito boa, né, moram longe, difícil né, foi um vazio que transformou em aconchego, tudo com muito amor. É como se eu tivesse, como se diz igual uma galinha que junta os pintinhos por debaixo das asas assim, eu estou acolhendo meus bisnetos, é como se eu tivesse acolhendo eles. Eu senti uma transformação, peguei a minha foto parti ela no meio, foi assim uma transformação, né. Olho pra isso aqui (apontando para a colagem) falo, falo meu Deus! Aí dá uma sensação de que eles estão os três do meu lado, aí (pausa) nossa! É gratificante fazer um trabalho assim, muito amor aqui (Vanda, 2023).

Quando Vanda comenta que: “peguei a minha foto e parti ela no meio, foi assim uma transformação” (figura 18), ela evidencia o ato de criar no caderno e propicia uma metamorfose simbólica. Nesse contexto, a produção do CIN reforça o papel transformador da arte na expressão de sentimentos, na construção de significados e na promoção de laços afetivos. A ação de cortar e reconectar a imagem se torna um ato simbólico de superação das distâncias e de reunificação afetiva. A sensação de ter seus entes queridos próximos, mesmo que simbolicamente, destaca a potência da arte em despertar sentimentos e produzir significados: “Olho pra isso aqui [...] dá uma sensação de que eles estão os três do meu lado [...] É gratificante fazer um trabalho assim”. A fala de Vanda revela não apenas a transformação da imagem, mas, mais profundamente, uma transformação emocional e afetiva, e a potência do fazer artístico de tocar aspectos essenciais da vida dos/as participantes.

Figura 18: Produção do CIN – Vanda, 2023.



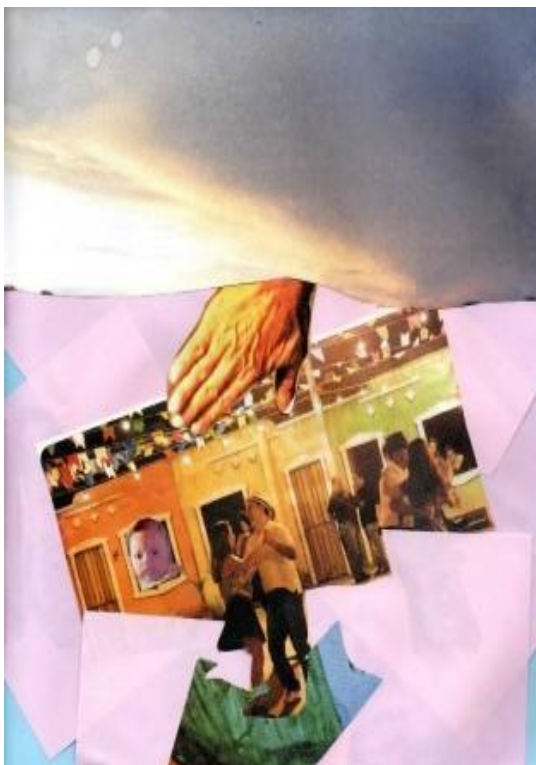
Fonte: Acervo da autora.

Ainda sobre as emoções e sentimentos despertados durante o processo de criação, as palavras da estudante Sheile destacam a conexão emocional entre as lembranças e sentimentos evocados durante o processo de criação das colagens:

As lembranças e sentimentos me ajudou (*sic*) a fazer essa colagem ela é a representação do amor, me dá aquela paz. É tipo assim, como quando eu peguei meu neto nos braços pela primeira vez, isso me dá uma força a mais pra mim. Sabe assim quando Deus coloca alguma coisa na tua vida pra você não desistir? Esse aqui é o motivo de nunca desistir. Quando eu vi essa imagem e a foto dele eu falei, é essa que eu quero para a minha colagem, não sei, deu aquele (pausa) aquele de reviver o tempo, isso, sei lá, é uma sensação assim que eu não sei explicar, entende? Esse caderno pra muitos não vai importar, mas pra mim ele tá fazendo eu dar importância ao passado e no presente, traz sentimentos que tão aqui nessas colagens que eu tô fazendo. Tá fazendo eu pensar em muita coisa e ser menos dura comigo, eu senti uma aproximação da minha família, sabe uma coisa que eu não sei explicar (Sheile, 2023).

Ao mencionar a “representação do amor” e a sensação de “paz” que a imagem proporciona (figura 19), ela estabelece um paralelo entre essa experiência artística e o sentimento de ternura ao segurar seu “neto pela primeira vez”. A escolha específica da imagem para a colagem, ligada à figura do neto, revela a intenção de capturar momentos significativos. Para ela, o caderno foi um provocador de reflexões e uma ferramenta para ser “menos dura consigo mesma”.

Figura 19: Produção do CIN – Sheile, 2023.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Quando Sheile menciona “reviver o tempo”, sugere que a prática artística não é apenas uma atividade de aprendizado, mas também um meio de reconexão com memórias e emoções. Assim, a pesquisa destaca como uma proposta pedagógica pode proporcionar um ambiente no qual os/as participantes podem explorar, expressar e, de certa forma, reviver e transformar suas próprias narrativas pessoais, suas memórias e suas emoções por meio da produção artística.

Pode-se perceber ainda que cada participante se conectou com momentos vividos e experiências passadas que os/as ajudaram a produzir de modo singular, que os/as levou a refletir e entender que cada momento é único; foram capazes “de abordar em cada momento vivido e unicidade da experiência e de interligá-la a outros momentos” (Ostrower, 2012, p. 132). As lembranças, os caminhos percorridos, os obstáculos, a organização e a reorganização de pensamentos e ações, a forma de agir e pensar, a interação de cada participante e os diálogos, tudo isso fez parte do fazer artístico de cada aluno/a.

Já no oitavo encontro, foi o momento dos/as participantes escolherem se queriam fazer uma exposição ou se queriam, em uma roda de conversa, apresentar o trabalho finalizado para os/as colegas. Expliquei que se quisessem uma roda de conversa, poderiam deixar que cada colega folheasse seu caderno, fizessem perguntas e comentários. Caso escolhessem expor, seria preciso um breve planejamento, mas que faríamos isso juntos.

Conversamos durante uns vinte minutos e o grupo decidiu que queria fazer a mostra dos cadernos. Após a escolha, continuamos o diálogo para definir se queriam fazer isso só para a turma, para os/as docentes ou para toda a escola. Definiram então que queriam fazer a mostra, para toda a escola, pois os/as colegas de outras turmas estavam curiosos para ver o trabalho deles/as. Após essa decisão em conjunto, partimos para decidir onde e como seria a exposição.

Algumas questões nortearam esse momento: cada um/a irá escolher uma imagem para exposição ou irão expor os cadernos de forma integral? Irão escrever um texto coletivo para indicar do que se trata essa exposição? Irão pensar em um título? O oitavo encontro foi, então, um momento para o planejamento. Ao final, uma participante disse: “acho que tinha que mostrar o caderno todo, para eles vê (*sic*) a nossa evolução, o processo de como nós fez, eles vai (*sic*) ver a nossa arte.” Todos concordaram com ela em expor o caderno completo.

Vale ressaltar que o fato de considerarem as colagens que produziram no decorrer da pesquisa como obras de arte depende da perspectiva adotada por cada

participante, bem como da ênfase dada à autenticidade, à criatividade e à reflexão crítica nos processos de criação e apreciação. A proposta ofereceu oportunidades para explorarem a colagem, a partir de suas memórias, das interpretações de obras de artistas como Selma Parreira e Wolney Fernandes, de suas vivências e do que produziram. A definição de “arte” muitas vezes é subjetiva e contextual, e a importância está na experiência e na expressão significativa dos/as participantes.

Desse modo, os Cadernos de Imagens e Notas foram considerados obras de arte pelos/as participantes na medida em que refletiram o processo criativo e as experiências pessoais. Ao explorarem a relação entre colagem e arte, os/as estudantes reconheceram a técnica como uma forma de expressão artística e o exercício como uma oportunidade para criar obras de arte significativas e pessoais.

Depois de algumas discussões, ficou definido pelo grupo que a mostra aconteceria na semana seguinte e seria nosso nono encontro, no qual precisaríamos de um horário extra. Para isso, um colega professor, que daria a aula anterior à de Arte, cedeu prontamente seu horário para a realização da exposição. Tudo foi feito com a aprovação do grupo gestor.

Assim, o nono encontro ficou dividido em: um primeiro momento (40 minutos) seria para organizar; segundo momento (60 minutos) para a mostra; e um terceiro momento (20 minutos) desmontar a exposição e organizar o espaço. Após a mostra tivemos o décimo e último encontro dessa proposta, que será apresentado a seguir.

## **2.5 Desdobramentos e reflexões do fazer artístico na produção do CIN**

No décimo encontro, fizemos nossa última roda de conversa, com o objetivo de ouvir dos/as participantes sobre suas experiências em criar relações entre memória, sujeito, lugar e o outro e a capacidade de se expressarem através do fazer artístico. Algumas questões nortearam esse momento avaliativo:

- a) Como foi o processo de produzir o Caderno de Imagens e Notas?
- b) Como foi selecionar as três fotos?
- c) Conhecer algumas colagens do artista Wolney contribuiu de alguma forma com o fazer artístico no CIN?
- d) O que significou conhecer algumas produções de Selma Parreira em que a artista procura deixar visível suas memórias entrelaçando passado/presente, lugares e afetos, ressignificando e dando novas formas?

- e) Como essa experiência contribuiu para reflexões sobre memória?
- f) Como o fazer artístico foi estimulado pela memória?
- j) Como a memória despertou seu interesse, imaginação e a investigação possibilitando a associação e relação com algumas questões subjetivas?
- h) Como você avalia o resultado da experiência e que aprendizados apontam?

Eles/as iniciaram falando sobre a mostra (figuras 20, 21) que aconteceu no encontro anterior, estavam bem empolgados/as com o resultado. Foram falando espontaneamente do quanto estavam felizes com a produção do caderno e ainda estavam recebendo elogios pelos trabalhos, que se sentiram importantes. Uma aluna se pronunciou dizendo:

Você viu professora? Todos foram ver nossos trabalhos, até o porteiro foi lá rapidinho. Pensei que não iam se interessar, eles pegaram, folhearam, eu fiquei toda arrepiada, arrepiada de felicidade. Me senti importante, senti que fui capaz, uma sensação muito boa, ver aquelas pessoas apreciando meu trabalho e dos colegas, tem muitas memórias ali, e também agora muitas lembranças boas desses momentos (Francinalva, 2023).

Figura 20: Mostra do CIN na Escola, 2023.



Fonte: Acervo da autora.

O relato de Francinalva destaca a experiência vivenciada durante a exposição dos trabalhos (figura 20), a expressão "arrepiada de felicidade" demonstra a intensidade das emoções experimentadas ao perceber o interesse e apreciação dos/as visitantes pelo seu trabalho e dos/as colegas. Essa experiência foi além do simples compartilhamento de produções artísticas, ela representou um momento de validação, reconhecimento e autoafirmação para os/as participantes. A sensação de importância e capacidade expressa por Francinalva - "me senti importante, senti que fui capaz" - reflete não apenas a conquista individual, mas também a valorização do coletivo, visto que os cadernos foram apreciados em conjunto. A menção às "muitas memórias" e "lembranças boas desses momentos" destaca como o fazer artístico a partir das memórias na Educação de Jovens e Adultos também criou oportunidades para a construção de memórias significativas e o fortalecimento do senso de coletividade entre os/as participantes.

Ao realizarem a mostra dos seus trabalhos (figura 21) os/as participantes dessa pesquisa provocaram novas experiências nos/nas visitantes, eles/elas puderam ter contato com a arte produzida na escola e tiveram curiosidade em olhar, conversar sobre as imagens. Nós tivemos inclusive que estender o horário da exposição, pegando mais uma aula para que todos pudessem participar da visitação. Percebe-se que os trabalhos expostos instigaram a interpretação das pessoas que por ali passaram mostrando que "a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal" (Barbosa, 2012, p. 20). E que os trabalhos expostos refletiram e dialogam com aquela comunidade escolar, com suas vivências conectando de maneira significativa com aqueles/as visitantes.

O que percebi e ouvi naquele momento de alguns/as visitantes foi que, olhando aqueles trabalhos, perceberam que era possível fazer arte na escola e que aqueles cadernos os fizeram lembrar de alguns momentos de suas vidas, alguns se sentiram representados nos trabalhos. Naquele momento, percebi que não era sobre o que os/as alunos/as quiseram representar nos trabalhos, mas sobre o que os trabalhos representavam para aqueles/as visitantes. O professor do primeiro ao quinto ano, ao sair da mostra, me disse que aqueles trabalhos tinham despertado várias ideias e que ele ia colocar em prática com a sua turma, pois acreditava que trabalhando arte a partir das memórias poderia ajudá-los no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Figura 21: Visita à mostra do CIN, 2023.



Fonte: Acervo da autora.

Acredito que a escola deve proporcionar aos/às estudantes “a experiência e a vivência artística como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores” (BRASIL/MEC, 2018, p 193). Deve ser um espaço onde a arte é valorizada e cultivada como forma de expressão, reflexão, comunicação e compreensão do mundo. Promovendo o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos/as estudantes e possibilitando:

[...] compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições [...] e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos (BRASIL/MEC, 2018, p 193).

A arte deve ser vivenciada e experimentada pelos/as alunos/as em seu contexto de modo que eles/as tenham a liberdade de expressar suas ideias, emoções e perspectivas através do fazer artístico de forma criativa com características distintas e significativas. Segue depoimento relacionado ao fazer artístico de uma participante:

Na primeira aula eu não sabia nada, depois quando eu vi aquele vídeo com os trabalhos da Selma foi clareando, as minhas fotos, as lembranças foi ajudando a fazer. Na primeira colagem, eu achei que tava arrasando. Essa foto (a que a estudante trouxe para o trabalho) é um orgulho pra mim porque representa a escola. São muitas lembranças do passado, a vida inteira eu tive vontade de estudar, não tive oportunidade, casei muito novinha, morava na roça. Olha meu caderno! Eu evolui muito, né? Vejo esse trabalho como um neném, primeiro ele começa a engatinhar, depois começa levantar nas coisas e começa a andar. Foi assim também com minha produção, não sabia nada de colagem. Vimos o trabalho da Selma, fomos recortando, lembrando do nosso passado e fomos fazendo as colagens (figuras 22 e 23). Eu lembrei muito da Selma que ela fazia os trabalhos dela, com objetos que faziam parte da memória de infância dela e o Wolney com aquela imagem do martelo, objeto que fez parte da memória dele e de como ele organiza as imagens. A minha última colagem está cheia de memórias da minha infância. Meu tio tinha um relógio desse (figura 23) aqui, antigamente usava esse relógio no bolso, o relógio, a lua representa o tempo que passou, as fases que girou. Depois de muitos anos eu voltei a estudar, esses livros, a chave representa essa volta pra escola, as portas se abriram e eu voltei a estudar. Eu trouxe um passado para dentro do presente que estou vivendo. Sabe professora, tenho muito orgulho de tá na escola! (Vanda, 2023).

Figura 23: Produção do CIN -Vanda, 2023



Figura 22: Produção do CIN -Vanda, 2023



Fonte: Acervo da autora.

Em sua fala, Vanda ressalta a importância das lembranças, das fotos e das referências artísticas para o fazer, evidenciando que a interseção entre as referências artísticas, memórias e as experiências pessoais (figura 22), segundo Vanda, resultaram em colagens significativas na medida em que a sua “última colagem está cheia de memórias da minha infância” (figura 23). Ela relata também que percebeu uma evolução no decorrer do processo, ao usar a metáfora do caderno como um “neném” que evolui, desde engatinhar até andar, Vanda ressaltou o seu crescimento artístico e pessoal durante a produção do CIN.

Ao ouvir a participante relatar que não imaginava ser capaz de produzir, que no início não sabia nem por onde começar, mas que depois das experiências tudo fazia mais sentido e que se sentia orgulhosa de estar na escola. Trouxe à tona a ideia de que a arte é essencial para o desenvolvimento da capacidade criadora, da percepção e da imaginação e que contribui para que o indivíduo enfrente os desafios, desenvolva habilidades, encontre soluções, permitindo-lhe criar e recriar a realidade:

Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação dessa realidade (Barbosa, 2012, p. 5-6).

Ao se permitirem ser autênticos/as em suas criações, abertos/as a experimentarem, reconhecendo que todos/as têm habilidades criativas, sabendo que podem aprender com os desafios e que a arte pode ser expressada de diversas formas, os/as alunos/as se viram como artistas, valorizando o processo de criação e a expressão pessoal. Eles/as passaram acreditar que eram capazes de fazer as colagens. Conforme relato da participante abaixo:

No começo eu pensava fazer um negócio desse, como? As fotos, conhecer sobre artistas que faz seus trabalhos com memórias ajudou, mais no começo eu não conseguia nem cortar. A última já foi bem melhor, foi mais tranquilo, olhei as imagens e disse ‘é essas que vou usar’. Antes eu nem sabia como eu ia fazer, como que eu ia montar, tipo assim. Você acha que quando a gente começou eu ia dar conta de fazer isso aqui? Antes eu achava que arte era escrever ou desenhar no caderno, não sabia que era assim. Eu olho esse caderno (pausa, risos), no começo eu olhava para as imagens e pensava, o que vou fazer? Meu coração disparava, não vou dar conta, não vou dar conta! Olhando aqui agora e rindo porque é inexplicável, eu achava que não ia dar conta nem de juntar e olhando aqui agora vontade de rir, se não fosse essas aulas, eu não daria conta. No início foi muito nervoso e hoje eu olho e ficou perfeito. Será que eu dou conta de fazer outro!? Não é tão difícil, né? Eu consigo! (Dinamir, 2023).

Inicialmente, Dinamir expressa a ansiedade e insegurança ao se deparar com a tarefa desafiadora de cortar e compor imagens “no começo eu não conseguia nem cortar. Eu olhava para as imagens e pensava, o que vou fazer? E meu coração disparava” A reação do coração acelerado e a dúvida sobre sua capacidade refletem os desafios iniciais. No entanto, ela observa a mudança ao longo do tempo, “rindo” ao perceber a superação dessas barreiras. Dinamir declara que “se não fosse essas aulas, eu não daria conta”, sendo possível compreender que o contraste entre o nervosismo inicial e a confiança adquirida comprova a importância das aulas, do suporte oferecido no desenvolvimento de habilidades artísticas, da colagem como algo possível e até mesmo prazeroso. As referências foram importantes no processo de produção, é possível observar isso quando ela relata que: “As fotos, conhecer sobre artistas que *faz* seus trabalhos com memórias ajudou” (figura 24).

Figura 24: Produção do CIN – Dinamir, 2023



Fonte: Acervo da autora.

Pode-se perceber que as memórias forneceram um rico repertório de imagens, emoções e sentimentos profundos que foram explorados e ressignificados em suas colagens carregadas de significados pessoais. Nesse sentido, Bergson (1999) argumenta que as lembranças são essenciais para o reconhecimento de uma percepção já experimentada e que são as experiências passadas que nos ajudam a compreender melhor o que estamos vivenciando, enriquecendo as nossas ações no presente. Por meio das imagens lembranças:

[...] se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiaríamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada (Bergson, 1999 p, 62).

Ao evocar as memórias, os/as participantes puderam traçar conexões entre passado e presente que serviram de estímulo para suas produções. É possível perceber isso na fala de uma participante:

Eu penso que sem o estímulo das memórias (passado) eu não ia conseguir fazer as colagens (presente). Ou até podia fazer alguma coisa, mas sem sentido, porque as colagens, nesse caderno não se tratou só de uma colagem, se tratou de algo que teve uma ligação ali que me marcou, por mais que passe o tempo, vou lembrar. Foi difícil fazer? Foi, foi difícil, mas agora depois de terminado a gente pensa, pô consegui! Não foi tão difícil e foi prazeroso (Sheile, 2023).

Ao dizer que “sem o estímulo das memórias eu não ia conseguir”, Sheile destaca a importância das memórias como estímulo fundamental para o processo de criação das colagens. Essa conexão com lembranças pessoais não apenas facilitou o fazer artístico, mas também conferiu um significado a ele. Ao mergulhar em suas memórias durante a elaboração das colagens, ela experimentou uma sensação de vínculo emocional e de lembranças carregadas de significado. Essa experiência revela como o processo artístico a partir das memórias pode ser mais do que experimentar uma técnica, tornando-se uma oportunidade de relembrar, contextualizar e reelaborar momentos importantes da vida. A ligação entre as memórias e a produção artística demonstra como a produção do CIN pode ser uma possibilidade poderosa para promover conexões emocionais e experiências significativas na vida dos/as participantes.

As fotos e os trabalhos dos artistas trouxeram à tona memórias e emoções estimulando a criatividade de maneira profunda e intensa, no entanto ao refletir sobre o processo criativo, a aluna compreendeu que, ao conectar as memórias com o processo artístico, suas colagens tiveram um significado pessoal e emocional, o que

permitiu uma conexão também consigo mesma, de uma maneira única, transformando suas experiências em algo significativo. Ainda sobre isso:

Se não tivesse pedido as fotos e apresentado os trabalhos da Selma e do Wolney, eu simplesmente ia pegar alguma imagem e colar sem sentido ou qualquer coisa que fosse mais fácil. Mas não, você foi e mexeu lá nas nossas memórias, eu fiquei muito brava, fiquei brava professora, chorei, ri, mas depois eu entendi, que a ideia era essa trazer as memórias pra gente criar, pensar nas coisas, fazer as colagens com sentido para nós. No final eu entendi, eu entendi que era necessário. Isso aqui querendo ou não trouxe as memórias à tona para a gente fazer o caderno e ver hoje as coisas incríveis que fomos capazes de fazer, hoje eu sou uma pessoa diferente daquela do primeiro dia de aula, aprendemos que somos capazes (Gisele, 2023).

No trecho acima, quando Gisele menciona como se sentiu durante os encontros, a participante reconhece que a proposta de revisitar suas memórias foi inicialmente perturbadora, todavia, essencial para estimular sua capacidade de criar com significado pessoal. Ela destaca como essa abordagem desencadeou uma reflexão mais profunda sobre suas experiências e emoções, evidenciando a importância da proposta de criação do CIN no desenvolvimento pessoal e artístico dos/as participantes. Já para outra colega, as lembranças foram fontes de inspiração, o que permitiu que as colagens fluíssem naturalmente criando novas memórias:

As nossas lembranças está ajudando a gente a criar outras memórias, através do que a professora estimulou na gente, a gente conseguiu colocar em prática com as lembranças da gente e daí as colagens foram fluindo e ajudando a criar novas memórias. Você olhar é uma coisa, você fazer é muito diferente, você tá criando, você vai ter que criar, vai ter que pensar, fazer. E quando você começa a mexer nas memórias aquilo ali te traz lembranças, te traz alegria, te traz dores, te faz lembrar o passado, o presente e pensar no futuro, o que você quer e mais ainda, aquilo ali te estimula a querer fazer uma colagem com tudo isso. E você pensa 'eu mudei, eu fiz' *mais* eu tenho a capacidade de ir mais longe do que já cheguei é diferente, bem diferente; uma experiência boa (Francinalva, 2023).

Ao destacar como as lembranças pessoais foram fundamentais para alimentar a imaginação e impulsionar a produção de novas memórias através das colagens, Francinalva ressalta a capacidade transformadora das aulas de arte. Sua narrativa revela como o ato de “mexer nas memórias” não apenas evoca uma variedade de emoções e experiências, mas também estimula a reflexão sobre o passado, o presente e o futuro, alimentando o processo criativo.

Essa experiência compartilhada por Francinalva ilustra como o envolvimento com as memórias pode permitir que os/as estudantes explorem sua capacidade de expressão e reinvenção através do fazer artístico. Essa vivência, proporcionada pela proposta de produção do CIN, demonstra não apenas a importância das memórias na criação artística, mas também evidencia como essas memórias têm o poder de

desencadear transformações. No processo de criar, eles/elas não apenas refletem sobre suas lembranças, mas também exploram como essas lembranças influenciam suas percepções do presente e suas visões para o futuro.

Podemos perceber que a experiência foi muito além do resultado, foi uma vivência enriquecedora que transformou, possibilitou o autoconhecimento o que tornou a experiência mais gratificante e valiosa. Sobre a vivência ser enriquecedora Ostrower esclarece que:

[...] mais fundamental e gratificante, sobretudo para o indivíduo que está criando é o sentimento concomitante, de reestruturação de enriquecimento da própria produtividade, de maior amplitude do ser, que se libera no ato de criar (Ostrower, 2002, p. 28).

O fazer artístico foi uma experiência gratificante, transformadora despertando nos/as alunos/as sentimento de liberdade para se expressar de forma criativa e autêntica. Pois, para Freire “É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (Freire, 1996, p. 12). Os/as alunos/as foram estimulados/as no decorrer da proposta a serem sujeitos ativos nas construções do conhecimento, houve inquietações, medos, incertezas e curiosidades que foram transformadas em experiências de aprendizagens.

Em relação às memórias foi possível perceber que a memória afetiva, aquela que envolve experiências emocionais marcantes e que pode se relacionar a diversas áreas da vida, fez parte das lembranças dos/as participantes no decorrer da proposta que foi permeada por experiências marcadas por emoções intensas. Experiências que se desdobraram em diferentes categorias de memória, embora distintas, são todas ramificações de um conceito mais amplo de memória afetiva. São elas:

- Memórias familiares e vivências pessoais, evidenciadas nos momentos em que os/as participantes incluem experiências pessoais, especialmente aquelas relacionadas à vida familiar.
- Memórias familiares e relacionadas ao cotidiano, concentrando-se nas experiências do dia a dia, com ênfase nas interações familiares.
- Memórias de vivências, abrangendo experiências diversas ao longo do tempo, tanto familiares quanto individuais, incluindo momentos da infância, que envolvem lembranças específicas e momentos significativos.

- Memórias de superação e transformação pessoal, que são evidenciadas nos momentos em que eles/elas relatam experiências desafiadoras ou sentimentos de satisfação e de orgulho.
- Memórias relacionadas à arte e aprendizado, explorando experiências de aprendizado e de referências artísticas.
- Memórias de lugares e estímulos visuais, envolvendo lembranças associadas a locais específicos e estímulos visuais que de alguma forma os/as impactou.

Essas categorias destacam a diversidade de lembranças evocadas, disparadas pelas imagens (fotos disponibilizadas pela turma) e pelas obras artísticas, abrangendo experiências familiares, influências artísticas e momentos marcantes da infância. Essas memórias, muitas vezes emocionais, contribuem para a construção de significado pessoal e conexões entre as vivências dos/das participantes e as expressões artísticas apresentadas. Evidenciam a riqueza e a variedade de lembranças despertadas pelo processo artístico proposto, destacando a importância da conexão emocional, pessoal e social no desenvolvimento das colagens.

As reflexões sobre as experiências constituídas no contexto desta pesquisa indicam contribuições para o ensino de Artes Visuais na Educação de Jovens e Adultos, e serão abordadas na próxima seção.

### **3. CAMINHOS REFLEXIVOS SOBRE O CIN: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE ARTE NA EJA**

A produção do CIN foi um dos pontos mais importantes da pesquisa, os momentos de troca, a superação de inseguranças, a exposição de lembranças carregadas de emoções em momentos de diálogos, foram apontando que as memórias motivaram o fazer artístico desses/as estudantes. As lembranças iam aflorando no decorrer do processo incitando-os/as a produzir, contextualizar e ressignificar lembranças afetivas e vivências do passado e do presente.

A experiência de caminhar com os alunos/as durante a pesquisa ampliou meus conhecimentos em relação ao fazer artístico e pude perceber a potência que é o ensino de arte, fomos juntos percebendo o quanto a memória pode potencializar a produção artística. A pesquisa participante me permitiu a oportunidade de pensar junto com a turma sobre as aulas de arte, ser mediadora das experiências na produção do CIN e ser agente participante, ampliando minha compreensão acerca do fazer artístico a partir das memórias.

É na perspectiva de professora/pesquisadora/participante que volto meu olhar para essa pesquisa e consigo perceber os conteúdos trabalhados na elaboração do CIN. E percebo que desenvolvi um modo de condução docente que pode contribuir na criação de estratégias metodológicas de ensino para elaborações de propostas para o ensino de arte na EJA. Importante dizer que cada realidade tem suas especificidades, portanto o que apresento aqui não é algo rígido, e sim flexível.

Nesse momento, ao término da pesquisa, observo que busquei conectar os/as participantes ao processo de expressão por meio de imagens, escrita e do diálogo. Percebo que consigo categorizar os conteúdos trabalhados para produção do CIN alinhando-os como conteúdos conceituais (diário e caderno de artista, memória), conteúdos procedimentais (colagens), atitudinais (escolhas pessoais, relações de afeto), conforme o pensamento de Lavee (2003). A autora explica que o conceito se aprende por interação, pois exige uma compreensão aprofundada e abstração de ideias. Sendo que os conteúdos atitudinais se aprendem pelo exemplo, pois referem-se aos aspectos relacionados às atitudes, posturas e valores que permeiam o ensino e aprendizado das Artes Visuais.

Ao apresentar o CIN como meio para registrar experiências através de imagens e escrita, estou sinalizando que, no decorrer do processo, os conteúdos

procedimentais foram colocados em prática. Segundo Iavelberg (2003), esses conteúdos se referem ao processo técnico para alcançar um resultado desejado e se aprende fazendo, sendo que estão associados à criação.

Na proposta que foi desenvolvida para essa pesquisa, o diálogo emerge desde o primeiro encontro, quando a proposta de construção do Caderno de Imagens e Notas (CIN) foi apresentada. A abertura para esclarecimento de dúvidas, a troca de experiências e a discussão estabeleceram um ambiente de diálogo, essencial para a construção de conhecimento. Nesses momentos de diálogo, foram apresentados aos participantes alguns conceitos como: diário de artista, caderno de artista e memória. Para estabelecer um paralelo com esses conceitos, apresentei como referência artística o diário de Frida Kahlo e algumas imagens de caderno de artista que retirei da internet, conectando assim, conceitos à expressão pessoal por meio do CIN.

Para a compreensão do conceito de memória, tendo como ponto de partida os focos disparadores (fotos pessoais), os/as participantes foram instigados/as a explorar diferentes tempos, espaços e memórias afetivas inspirados/as no pensamento de Ecléia Bosi (referência teórica) e Selma Parreira (referência artística). Essa fase da proposta contribuiu para assimilação de conteúdos conceituais, pois além dos conceitos de memória, diário de artista e caderno de artista, trabalhei com a intenção de estimular a compreensão do processo criativo em consonância com o pensamento de Fayga Ostrower (2012).

O processo de criação, assim como o conceito de memória, foi trabalhado a partir das obras de Selma Parreira, proporcionando um diálogo entre passado e presente, espaços e afetos. O uso de vídeos e obras específicas da artista contribuiu para enriquecer a compreensão dos/as participantes sobre o entrelaçamento entre memória, imagem e o fazer artístico. Sendo que os/as participantes foram orientados/as a refletir sobre como suas próprias memórias se entrelaçam e se manifestam em diversas formas. É possível também perceber conteúdos atitudinais como os princípios éticos através da compreensão do processo criativo que devem estar alinhados aos valores da expressão pessoal e respeito à diversidade.

Tenho consciência que os conteúdos conceituais e atitudinais trabalhados levaram os/as participantes a entender como o fazer artístico pode ser um reflexo da experiência pessoal, inspirando-os a considerarem como suas experiências, visões e emoções poderiam ser canalizadas para o Caderno de Imagens e Notas a partir da memória. E os/as levaram ainda a desenvolver uma abordagem inclusiva,

reconhecendo e valorizando a diversidade nas interpretações das produções artísticas, na compreensão que cada caderno seria único e pessoal.

Além disso, foram trabalhados também conteúdos atitudinais que, segundo Iavelberg (2003), são relacionais, subjetivos muitas vezes, ligados a afetividade e sensibilidade. Considero que os conteúdos atitudinais estão relacionados à postura emocional, afetiva e subjetiva dos/as estudantes na apreciação das produções artísticas. Durante a proposta desenvolvida, foi possível estimular a valorização das experiências pessoais dos/as participantes, confirmando que cada obra é única e reflete as vivências individuais de cada artista. Fomentou-se um ambiente de liberdade e respeito à diversidade expressiva, encorajando cada participante a se manifestar em interação com o outro.

A abordagem de conteúdos conceituais e atitudinais proporcionou uma base teórica e reflexiva, estimulando uma compreensão sobre como a memória contribui para um fazer artístico. Esses conceitos foram fundamentais para orientar a realização do que estava sendo trabalhado nos encontros subsequentes, onde os/as participantes foram incentivados/as a expandir esses conhecimentos em suas produções artísticas.

Ao criarem o CIN, foi proporcionada aos/às participantes a oportunidade de desenvolver os conhecimentos conceituais, atitudinais e procedimentais adquiridos no decorrer da proposta. Para esse momento do “fazer” foi necessário trazer a explicação do conceito de colagem e a realização das colagens (ação procedimental) em uma associação aos trabalhos do artista Wolney Fernandes. A partir dessa referência artística, os/as participantes experimentaram cores, formas, texturas, ritmo, movimento... Embora esses conteúdos da linguagem visual não tenham sido abordados em conceitos, essas experimentações com o fazer geraram um ambiente de aprendizado ativo, permitindo que os/as participantes desenvolvessem suas habilidades artísticas como meio de expressão através da colagem.

A escolha de como iriam compartilhar os trabalhos foi uma decisão coletiva em uma roda de conversa. Momento que foram consideradas as reflexões sobre o processo de criação, alinhando-se ao conteúdo atitudinal e avaliativo consoante ao pensamento de Iavelberg (2003). Durante as rodas de conversas, promoveu-se um ambiente de *feedback* construtivo entre os/as participantes, permitindo que compartilhassem experiências e expusessem sugestões de maneira positiva, promovendo aprendizagens mútuas, a construção de um pensamento coletivo e um ambiente colaborativo.

Abordar conteúdos atitudinais e avaliativos, além de proporcionar um espaço para a apresentação das produções artísticas, estimula uma avaliação reflexiva do percurso, incentivando, através do diálogo, uma autoavaliação com a intenção de encorajar os/as participantes a analisarem criticamente sua própria produção, considerando o que aprenderam sobre si mesmos, sobre o outro e sobre o processo criativo.

Ao longo da proposta, os/as estudantes foram desafiados/as a persistir em suas experimentações artísticas, promovendo uma atitude de resiliência e autonomia na busca pelo desenvolvimento de suas habilidades e expressões individuais. Assim, a dimensão atitudinal na proposta não se restringiu apenas à criação artística, mas abrangeu a postura do/a participante frente aos desafios, à receptividade diante das diversas formas de arte e à capacidade de engajar em um processo reflexivo que transcende as fronteiras convencionais do ensino. Para Larrosa:

Se lhe chamo “princípio de reflexividade” é porque esse me dê “o que me passa” é um pronome reflexivo. Poderíamos dizer, portanto, que a experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. É um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero etc. Poderíamos dizer que o sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento, que se altera, que se aliena (Larrosa, 2011, p.6-7).

Colocando em movimento o princípio da reflexividade, movimento de ida e volta, explicitado por Larrosa (2011), pude perceber a presença de três pilares importantes que nortearam a construção do CIN e que são base para outras propostas no ensino de arte: roda de conversa (diálogo); foco disparador (referências textuais e imagéticas); produção (construção do Caderno de Imagens e Notas). Como elemento estrutural estes pilares recebem etapas que podem se ramificar, sem uma ordem rígida, que são:

- Seleção de imagens, objetos e/ou produções artísticas que possibilitarão as ações de ler, contextualizar e fazer (Abordagem Triangular);
- Inserção de ajustes na proposta conforme diálogo com grupo para acrescentar vivências e experiências dos/as envolvidos/as na proposta;
- Organização de um cronograma para desenvolver cada fase da proposta;
- Contextualização dos conceitos a partir de referências artísticas;

- Diálogo, referências e produção artística, permeados com leituras/ interpretação/ contextualização de imagens;
- Discussões sobre a utilização de materiais e experimentação de técnicas para, além da produção artística, fomentar repertório sobre cada linguagem artística (de acordo com as necessidades da turma e da proposta);
- Avaliação processual com diálogos guiados por perguntas norteadoras e valorização da percepção dos/as estudantes;
- Criação de modos para compartilhar experiências associadas ao desenvolvimento da proposta e sua finalização.

Cada tema, linguagem artística, referência ou foco disparador pode ser adaptado de acordo com as necessidades e realidades de cada turma e da proposta em desenvolvimento. Desta forma, o percurso educacional pode variar de acordo com as necessidades, características e progresso dos/as alunos/as, pois não é pré-determinado. Essa abordagem reflete a natureza fluida da experiência artística, onde a adaptação e o respeito às vivências dos/as estudantes são tão essenciais quanto a própria criação.

Ao entrelaçar focos disparadores, produção artística e leituras/interpretação de imagens estabelecendo diálogos, a proposta revela-se como um cenário pedagógico potente, dinâmico e enriquecedor. Inspirada em pensadores como Freire (1996), Barbosa (2012), Iavelberg (2003) e adaptada às necessidades da EJA, essa abordagem visa não apenas transmitir conhecimento artístico, mas também promover a construção de significados pessoais e a emancipação educacional.

Ainda em um movimento de ida e volta, busco conexão da ideia de transformação de Larrosa (2011) com a abordagem sistematizada descrita anteriormente, posso destacar a importância da experiência educacional como um processo dinâmico e transformador. Nesse sentido, o ambiente dialógico proporcionou uma transformação na interação entre a pesquisadora/docente Deuzilene e os/as estudantes, promovendo uma participação mais ativa e colaborativa. Isso proporcionou uma transformação em minha prática docente (abordagem pedagógica), promovendo uma educação mais centrada no/a aluno/a, sensível às suas experiências e capaz de estimular não apenas a expressão artística, mas também o desenvolvimento de habilidades reflexivas e críticas.

Reconheço que a experiência vivida durante a pesquisa sobre a construção do Caderno de Imagens e Notas na EJA foi, de fato, um constante movimento de ida

e volta. Durante esse percurso, a exteriorização através do diálogo, das referências artísticas e da produção artística me permitiram um encontro com o processo de ensino/aprendizagem em arte na EJA.

Ao destacar a importância da flexibilidade e adaptação na abordagem proposta, inspirada em pensadores como Freire (1996), enfatizo a necessidade de adequar as estratégias pedagógicas de acordo com as características e necessidades específicas da turma da EJA, o que resultou em uma prática mais dinâmica e ajustada às realidades dos/as estudantes.

Assim, ao longo dessa pesquisa, foi possível observar que a proposta pedagógica adotada não se limitou apenas à “transferência” de conhecimento artístico, mas buscou construir reflexões que instigassem uma transformação de pensamento em mim e nos/as estudantes: “Na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação” (Larrosa, 2011, p.4).

Os momentos de diálogo, a observação participante e a produção artística dos/as estudantes durante a criação dos CIN, tornaram-se importantes para compreender a potência das memórias no e para o fazer artístico. Inspirados/as pelos focos disparadores, pela interação com obras de artistas que exploram a riqueza de suas próprias lembranças, os/as participantes mergulharam em uma jornada de expressão e criação artística única. Revelando não apenas relações entre memória, sujeito, lugar e o outro nas aulas de Artes Visuais na EJA, mas também a singularidade de cada experiência, um caminho contínuo de reflexões, descobertas e significados.

Enquanto professora, passei a valorizar ainda mais as experiências individuais, o compartilhamento de experiências e a construção coletiva junto aos/as estudantes. Isso influenciou positivamente a maneira como conduzi a proposta na EJA, buscando mais interação e troca de ideias, bem como uma abordagem mais flexível diante de desafios na sala de aula.

Desse modo, a disposição para ajustar as estratégias pedagógicas, conforme as necessidades e realidades dos/as estudantes, reflete a abertura para modificar/adequar as práticas em resposta às experiências vivenciadas.

A participação ativa na pesquisa e na produção do CIN não apenas ampliou o meu conhecimento em relação ao fazer artístico, mas também influenciou minha abordagem pedagógica. Ao refletir sobre os resultados do projeto, reconheci a

importância de abordagens mais inclusivas e sensíveis às experiências individuais na Educação de Jovens e Adultos.

Portanto, o princípio da transformação, conforme apresentado por Larrosa (2011), encontra ressonância no decorrer desta pesquisa, destacando como a experiência envolve uma profunda transformação no sujeito, em suas ideias, sentimentos e representações. Evidenciando que a prática pedagógica, quando ancorada na sensibilidade, diálogo e abertura à experiência, tem o potencial não apenas de transmitir conhecimento, mas de gerar transformações significativas naqueles que dela participam.

Assim, minhas expectativas ao final dessa pesquisa são que meus pares possam desfrutar dessa pesquisa como referência para experimentar práticas pedagógicas mais participativas, visando a promoção de um ambiente de aprendizagem mais colaborativo e o desenvolvimento de estratégias metodológicas mais alinhadas com as características e necessidades específicas da EJA. Para, nesse sentido, desenvolver um processo criativo que não se caracteriza através de exercícios de técnicas, mas propicia oportunidades de questionamento, de análise, de expressão da subjetividade, de experiência individual e coletiva e de singularidade. E que, ao incorporar *feedbacks* e sugestões em diálogo com os/as estudantes, haja refinamento da abordagem utilizada nessa pesquisa, promovendo uma prática cada vez mais alinhada com as características e expectativas de cada estudante.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **Arte na educação para todos**. In: **V Congresso Nacional de Arte Educação na Escola para Todos e VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras**. 2000, Brasília. Anais, Brasília: 2000, p. 6-12. Disponível em: <https://www.arteducacao.pro.br/v-congresso-nacional-de-arte-educacao-na-escola-para-todos-mec.html> Acesso em: 02 jun.2022.

\_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Coleção Estudos)

\_\_\_\_\_. **Inquietações e mudanças no ensino da arte** (org.) São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BERGSON, Henri, 1859-1941. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito** / Henri Bergson; tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos)

\_\_\_\_\_. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Atelier Editorial, 2003. Acesso em: 22 ago. 2023.

BRANDÃO, C. R., & Borges, M. C. (2007, jan./dez.). **A pesquisa participante: um momento da educação popular**. *Rev. Ed. Popular*, 6(1), 51-62.

\_\_\_\_\_. **Repensando a pesquisa participante**. 2ª reimp. da 3º ed. de 1987. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (org.). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida / São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

BRASIL. **As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos** -CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000.

BRASIL. Lei n. 9394/96 – 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**.

BRASIL/MEC. **Base Nacional Comum Curricular, 2018**. (Versão homologada). p. 193 - 239 Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: agosto de 2023.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. **Leitura de bonitezas: uma abordagem estética e ética para o ensino da arte brasileiro**. 246 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 246-257, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em 26 de junho de 2023.

DEWEY, J. Ter uma experiência. In: DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, ano de publicação 1996, ano de digitação 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IABELBERG, Rosa. Currículo de artes visuais: relações entre objetivos, conteúdos, orientações didáticas e avaliação. In: IABELBERG, Rosa. **Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores**. São Paulo: Artes Médicas, 2003.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em: maio 2023.

LOPES, C.G. **O ensino de História na palma da mão: o whatsApp como extensão da sala de aula**. Dissertação (Mestrado Profissional) Universidade Federal do Tocantins - Mestrado Profissional em Ensino de História, Araguaína-TO, 2016. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/173165/1/O%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria%20na%20palma%20da%20m%C3%A3o%20o%20WhatsApp%20como%20extens%C3%A3o%20da%20sala%20de%20aula..pdf>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

MEDEIROS, Souza, J. A. **Ana, Paulo e John: por uma filosofia decolonial da arte através da educação**. In: I Colóquio Percursos de Formação de Arte/Educação Contemporânea. FAV UFG. Goiânia, 30 de out. de 2020. 2:16 min. Disponível em: <https://www.facebook.com/favufg/videos/evento-saber-e-ensinar-desafios-da-diversidade/1052287458607415/>. Acesso em: 20 de abr. de 2023.

MORENO, Márcia. **O Diário Visual das Memórias a partir do Livro de Artista: uma proposta de ensino aprendizagem desenvolvida no PARFOR**. In: Matéria-prima: práticas artísticas no ensino básico e secundário. - Lisboa, 2016. - Vol. 4, nº3 (Set./Dez. 2016), p. 94-104. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/28352>. Acesso em: 12 de jan. de 2023

NOGUEIRA, Carolina Maria Barbosa de Oliveira. **Livro de artista como recurso metodológico no ensino de Artes Visuais**. Monografia de Especialização. Universidade Federal de Minas Gerais. Curso - Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas. MG. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9NRHP5>. Acesso em 12 de jan. de 2023.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Criatividade e processos de criação**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 186 p.

RIBEIRO, Ada G. **A prática docente na EJA multisseriada**. 2019. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade

Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/11695>. Acesso em 16 de junho de 2023.

## ANEXOS



**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG**  
 Campus Aparecida de Goiânia  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**  
**Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES**

**Prof-Artes**  
 Mestrado Profissional em Artes

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "Memórias em fluxo: construção de um caderno/diário de imagens e notas nas aulas de artes visuais na EJA". Meu nome é Deuzilene Machado Rocha Leal, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Artes Visuais. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(a) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via email (deuzilenemachado@hotmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (64) 992743532; whatsapp (64).992743522. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG**, pelo telefone (62) 3612-2239 ou e-mail [cep@ifg.edu.br](mailto:cep@ifg.edu.br).

#### 1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

##### 1.1

A presente pesquisa tem como título "Memórias em fluxo: construção de um caderno/diário de imagens e notas nas aulas de artes visuais na EJA". Essa pesquisa investiga como as memórias podem potencializar experimentações com o fazer artístico nas aulas de artes visuais com estudantes da EJA. Tem como objetivo geral compreender os sentidos e significados que esses alunos jovens e adultos (EJA - Prof.ª Onildes de Fátima da Rocha – Pólo Escola Santa Efigênia em Caldas Novas – GO) dão às memórias através da experimentação com o fazer artístico em um caderno/diário de imagens e notas (CIN). Tem como objetivos específicos: proporcionar momentos de discussão sobre como as memórias se realizam nas obras da artista Selma Parreira que além de contar histórias, redefinem sentidos, lugares e afetos; investigar de que maneira as memórias são capazes de potencializar no/a estudante da EJA a capacidade de se expressar através do fazer artístico nas artes visuais; conduzir a construção do CIN através das imagens na perspectiva da Abordagem Triangular (ler/contextualizar/fazer) possibilitando criar relações entre memória, sujeito, lugar e o outro. Sou professora da EJA, a mais de dez anos e percebo que quando trabalho com atividades em que os/as alunos/as relacionam presente e passado eles têm mais interesse pelas aulas. O que me fez despertar o interesse em investigar se as memórias são capazes de dar ao aluno a capacidade de se expressar através do fazer artístico nas artes visuais. Reafirmo a ideia do professor/a como mediador/a que as aulas de arte possibilitem ao aluno/a desenvolver a capacidade de aprender, não apenas para se adaptar, e sim para transformar, recriar e reconhecer como sujeito do processo. Para que cada estudante possa desenvolver através da arte, conhecimento capaz de possibilitar a valorização das suas singularidades, especificidades e proporcionar experiências de vida.

Esta pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa com metodologia de pesquisa participante. Consiste em uma pesquisa de caráter descritivo, investigativo e interpretativo em que me servirei de técnicas e instrumentos de coleta de dados como a observação, observação participante, registro fotográfico e o diário de campo, instrumento no qual pretendo registrar, o que foi observado durante a proposta pedagógica com os/as estudantes, no intuito de coletar informações, anotar, identificar e discutir sobre o fazer artístico como parte de criação do caderno/diário de imagens e notas, para melhor qualificar e dar subsídios a presente investigação. A proposta pedagógica será desenvolvida nas aulas de Artes no período de fevereiro a abril de 2023 e se guiará a partir de três focos disparadores: (1) uma foto antiga do/a participante; (2) uma foto de um lugar-referência de experiências do/a participante, e (3) uma foto de uma pessoa querida. O processo para essa pesquisa que suponho, está pautado na abordagem triangular que se desdobra na interligação de três eixos: contextualizar/fazer/apreciar(ler) que investiga através da pesquisa e da construção de um Caderno/diário de Imagens e Notas (CIN) e que articula estratégias pedagógicas para o ensino de artes visuais que utilizam fazer artístico articulado com a leitura de imagens e o contexto, possibilitando ao/a aluno/a desenvolver um pensamento crítico, em que as experiências proporcionem a ele/a novas formas de criar, recriar ver e sentir. O processo de leitura de imagens, da contextualização e do fazer artístico será pautado no diálogo que deverá ser constante durante a criação do Caderno/diário de Imagens e Notas, bem como o registro fotográfico do processo. E também recolha de depoimentos e observações dos/das participantes, sobre as 3 imagens geradoras (do próprio participante; de um lugar relevante; de uma pessoa querida), observação participante do fazer artístico durante

Av. Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd-1, Lt 1-A – Parque Itatiaia. CEP: 74968-755.  
 Aparecida de Goiânia-GO. Tel. (62) 3507-5950 - [Acesse lista de ramais](mailto:Acesse lista de ramais).  
 E-mail - gabinete.aparecida@ifg.edu.br  
 Site - <http://www.ifg.edu.br/aparecida>



**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG**  
**Campus Aparecida de Goiânia**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**  
**Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES**



desenvolvimento da proposta pedagógica, observação, diálogos, registro no Caderno de Imagens e Notas (CIN) e registros fotográficos do fazer artístico

Caso você autorize sua imagem poderá ser usada nas publicações da pesquisa.

- (            ) Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;  
 (            ) Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Os/as participantes da pesquisa estão sujeitos a alguns riscos como :vergonha no processo de desenvolvimento da atividade proposta; cansaço; desconforto; estresse; aborrecimento; invasão de privacidade; possibilidade de constrangimento; alterações de comportamento; exposição de dados e fotos da/do participante que possam resultar na sua identificação; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; exposição através da identificação nominal nas atividades desenvolvidas.

Em caso de despesas para a participação na pesquisa, será garantida uma assistência imediata, caso ocorra despesas específicas da participação na pesquisa ou dela decorrentes. Bem como garantia de assistência integral que a/o participante possui o direito de pleitear indenização por reparação a danos imediatos ou futuros. Comprovadas as despesas pelas/pelos participantes será garantido o ressarcimento para a reparação de danos pela pesquisadora. Assim, esclareço que as despesas com impressão do TCLE, materiais de consumo, permanentes, bibliográficos, pedagógicos e de serviços decorrentes na pesquisa são de minha responsabilidade.

O/a participante tem total liberdade para escolher divulgar seu nome nos resultados da pesquisa. Assinale a alternativa de acordo com seu interesse.

- (            ) Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;  
 (            ) Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Vale ressaltar que durante o desenvolvimento da proposta pedagógica o/a participante (você) irá rememorar fatos de sua vida, o que pode levar a riscos, de transcorrer desconfortos, por vezes, na fala, no ato de relembrar, na exposição dos fatos, no processo criativo, na própria experiência. Porém procurarei equilibrar os possíveis riscos e acalantar com as diversas vivências e aprendizagens para a experiência em arte. Caso a/o participante vivencie algum dos riscos e/ou desconfortos explicitados acima, ou mesmo outros que venha vivenciar, haverá a possibilidade do/a participante realizar pausas para se recuperar, sair da sala e/ou mesmo deixar de participar daquele momento da atividade. Deixarei claro a minha posição de professora/pesquisadora que estou sempre aberta a ouvi-los/as em qualquer momento do trabalho e até mesmo fora do horário, durante o desenvolvimento da pesquisa. Caso os desconfortos persistam em outros dias a/o participante tem total liberdade para se desvincular da pesquisa sem nenhum tipo de prejuízo ou mesmo constrangimentos. Ressalto que o/a participante tem liberdade para deixar de colaborar com a pesquisa a qualquer momento, se esse for o seu desejo.

A coleta de dados se dará por meio de recolha de depoimentos e observações dos/as participantes sobre 3 imagens geradoras (do próprio participante; de um lugar relevante; de uma pessoa querida);no diálogo sobre as obras da artista Selma Parreira, na observação participante do fazer artístico durante desenvolvimento da proposta pedagógica, Observação, diálogos e registro no Caderno de Imagens e Notas (CIN),registros fotográficos do fazer artístico. Teremos momentos de diálogos durante o desenvolvimento da proposta pedagógica e o/a participante tem total liberdade para se recusar a participar dos diálogos, leitura de imagem, bem como do fazer artístico caso sinta algum desconforto ou constrangimento.

O produto final da pesquisa será apresentado aos participantes em um encontro na escola em que foi desenvolvida a pesquisa, o convite será feito a todos/as participantes da pesquisa e ao grupo gestor. Será feita também a divulgação dos resultados da pesquisa de forma pública em artigos e eventos científicos em arte com os devidos créditos e citações. Assegura a eticidade da/do participante que de nenhuma maneira seus dados serão utilizados desvinculados aos fins acadêmicos. Estarão inteiramente ligados à pesquisa e os mesmos serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

O participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a busca de indenização, terá garantias éticas aos participantes da pesquisa, liberdade de participação, a integridade do participante da pesquisa e a preservação dos dados que possam identificá-lo, garantindo especialmente a privacidade o sigilo, a confidencialidade e o modo de efetivação. Partindo desses pressupostos asseguramos que, na ocorrência de alguma situação de eventual prejuízo ao participante durante a participação na pesquisa, o mesmo será ressarcido pelo valor correspondente ao valor estabelecido. Haverá ainda garantias de indenização conforme as leis vigentes no país, caso ocorra algum dano decorrente da participação na pesquisa, por parte do

Av. Universitária Vereador Wagner da Silva Ferreira, Qd-1, Lt 1-A – Parque Itatiaia. CEP: 74968-755.  
 Aparecida de Goiânia-GO. Tel.(62) 3507-5950 - Acesse lista de ramais.

E-mail - gabinete.aparecida@ifg.edu.br  
 Site -http://www.ifg.edu.br/aparecida



**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG**  
 Campus Aparecida de Goiânia  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**  
**Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES**



pesquisador responsável e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. A presente pesquisa não envolve armazenamento em bancos de dados pessoal ou institucional.

**1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:**

Eu, \_\_\_\_\_, inscrito(a) sob o RG/CPF/n.º \_\_\_\_\_ de prontuário/n.º de matrícula \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "Memórias em fluxo: construção de um caderno/diário de imagens e notas nas aulas de artes visuais na EJA". Informo ter mais de 18 anos de idade, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pela pesquisadora responsável Deuzilene Machado Rocha Leal, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Caldas Novas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura por extenso do(a) participante

---

Deuzilene Machado Rocha Leal  
 Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

---

Dr.ª Valéria Fabiane Braga Ferreira  
 Assinatura por extenso professora orientadora



PREFEITURA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS

Adm. 2021/2024

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO,

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA**  
**PROFESSORA ONILDES DE FÁTIMA DA ROCHA**



### **TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE**

A Educação de Jovens e Adultos – EJA- Professora Onildes de Fátima da Rocha – “Polo Escola Municipal Santa Efigênia, está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado Memórias em fluxo: construção de um caderno/diário de imagens e notas nas aulas de artes visuais na EJA , coordenado pela pesquisadora Deuzilene Machado Rocha Leal, matrícula 20221090120102, desenvolvido em conjunto com a orientadora professora Dr.<sup>a</sup> Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral na qual a pesquisadora está vinculada pelo Mestrado Profissional em Artes- ProfArtes do *Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia*.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA- Professora Onildes de Fátima da Rocha – “Polo Escola Municipal Santa Efigênia assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de fevereiro de 2023 à abril de 2023.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA- Professora Onildes de Fátima da Rocha – “Polo Escola Municipal Santa Efigênia” disponibiliza a existência de infraestrutura necessária para o desenvolvimento da pesquisa e para atender eventuais consequências dela resultantes.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso da pesquisadora responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

Estamos cientes que a execução deste projeto dependerá do parecer consubstanciado enviado pelo CEP/IFG mediante parecer “Aprovado”.

Caldas Novas, 19 de outubro de 2022.

---

Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

## TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que cumprirei os requisitos da Resolução CNS n.º 466/12 e/ou da Resolução CNS n.º 510/16, bem com suas complementares, como pesquisadora responsável Deuzilene Machado Rocha Leal, matrícula 20221090120102, desenvolvido em conjunto com a orientadora professora Dr.ª Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral do projeto intitulado "Memórias em fluxo: construção de um caderno/diário de imagens e notas nas aulas de artes visuais na EJA".

Comprometo-me a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referido e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não.

Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

.Caldas Novas, 19 de outubro de 2022.

Nome da Pesquisadora

Assinatura

1 - Deuzilene Machado Rocha Leal

2- Dr.ª Valéria Fabiane Braga Ferreira



INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG  
SETOR OESTE



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** Memórias em fluxo: construção de um caderno/diário de imagens e notas nas aulas de artes visuais na EJA

**Pesquisador:** Deuzilene Machado Rocha Leal

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 64621622.6.0000.8082

**Instituição Proponente:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás- Campus

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.060.127

#### Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: Memórias em fluxo: construção de um caderno/diário de imagens e notas nas aulas de artes visuais na EJA

Pesquisador Responsável: Deuzilene Machado Rocha Leal

Emenda

#### Objetivo da Pesquisa:

Não houve alteração

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não houve alteração

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia - foram acrescentados mais participantes e mais perguntas - Atende à legislação

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Cronograma - Alterado - Atende à legislação

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Prezado Pesquisador, o CEP/IFG aprova sua emenda.

**Endereço:** Rua C-198 Quadra 500, Jardim América

**Bairro:** SETOR OESTE

**CEP:** 74.270-040

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3612-2239

**Fax:** (62)3612-2203

**E-mail:** cep@ifg.edu.br